

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

O Pensamento Mágico nas Decisões dos Vegetarianos:

Comer ou Não Comer Alimentos Associados a Carne

Sara Oliveira Quintela Martinho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção  
do grau de Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Doutora Christin-Melanie Vauclair, Professora Convidada

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Janeiro, 2016



## Resumo

O presente estudo qualitativo visa compreender as motivações subjacentes às escolhas alimentares dos vegetarianos. Mais concretamente, procura avaliar se o pensamento mágico (sob a forma de princípios de contaminação e de semelhança) influencia a decisão dos vegetarianos de não comer alimentos associados a carne ou alimentos que podem ser considerados como “impuros”. Procura ainda verificar se existem diferenças a este nível entre vegetarianos por questões morais e vegetarianos por questões de saúde. Foram realizadas trinta e cinco entrevistas (catorze a vegetarianos por questões morais, catorze a vegetarianos por questões de saúde e sete a omnívoros), onde se apresentaram cinco cenários relacionados com as questões de investigação. Posteriormente, foi efetuada uma análise temática dos dados recolhidos. Verificou-se que o pensamento mágico está presente na decisão dos vegetarianos de não comer alimentos associados a carne; e que existem diferenças a este nível entre vegetarianos por questões morais e vegetarianos por questões de saúde. Os resultados obtidos parecem indicar que, apesar de os vegetarianos por questões morais recorrerem mais do que os vegetarianos por questões de saúde a argumentos relacionados com contaminação para não comerem comida vegetariana que consideram “contaminada” com carne, não são mais sensíveis às violações da “pureza” em geral, quando estas não estão relacionadas com carne, e não recorrem mais a argumentos relacionados com os princípios de contaminação e semelhança para não comerem alimentos vegetarianos que não lhes suscitem questões éticas.

Palavras-chave: contaminação, ética, moral, nojo, pensamento mágico, pureza, saúde, semelhança, vegetarianismo, percepção social e cognição, processos cognitivos

## Abstract

In this qualitative research, we explore the motivations behind vegetarians' food choices. We look for evidence of magical thinking (law of contagion and law of similarity) in vegetarians' decision not to eat meat-related food or other food considered to be impure; and we compare health vegetarians and moral vegetarians on this matter. We interviewed thirty-five participants (fourteen moral vegetarians, fourteen health vegetarians and seven omnivores), presenting each with five different scenarios, and performed a thematic analysis

on the data. We identified magical thinking as part of vegetarians' reasoning for not eating meat-related food; and we identified differences between health vegetarians and moral vegetarians on this matter. Results seem to point out that, compared to health vegetarians, moral vegetarians offer more reasons related to contagion for not eating food they perceive as "contaminated" with meat; but they are not more disgusted by violations of "purity" unrelated to meat, and do not offer more reasons related to contagion or similarity for not eating vegetarian food that poses no ethical issues.

Key words: cognitive processes, contagion, disgust, ethics, health, magical thinking, moral, purity, similarity, social perception and cognition, vegetarianism

Índice

Resumo .....	iii
Índice .....	v
Lista de Tabelas .....	vii
Lista de Abreviaturas.....	viii
1. Introdução.....	1
1.1. O Vegetarianismo nos Países Industrializados .....	1
1.2. Implicações para os Vegetarianos em Portugal .....	2
1.3. Objetivos da Investigação.....	5
2. Enquadramento Teórico .....	5
2.1. Escolhas Alimentares e Definições .....	5
2.2. O Processo de Moralização e o Papel do Nojo.....	6
2.3. Pensamento Mágico.....	9
2.3.1. O princípio da contaminação .....	10
2.3.2. O princípio da semelhança.....	11
2.4. Pensamento Mágico e Vegetarianismo.....	12
2.4.1. Lacunas de investigação e a necessidade da abordagem qualitativa .....	15
2.4.2. Questões de investigação e expetativas .....	16
3. Estudo Empírico: Exploração do Pensamento Mágico nos Vegetarianos .....	17
3.1. Método.....	17
3.1.1. Participantes.....	17
3.1.2. Instrumentos e guião da entrevista.....	21
3.1.3. Procedimento .....	24
3.1.4. Estratégia analítica .....	24
4. Resultados e Discussão .....	26
4.1. Resultados Quantitativos Descritivos.....	26
4.2. Resultados Qualitativos Descritivos.....	31

4.3. Discussão .....	37
4.3.1. Contaminação parcial com elementos de carne .....	37
4.3.2. Contaminação integral com carne.....	40
4.3.3. Semelhança com carne.....	43
4.3.4. Contágio com algo nojento .....	47
4.3.5. Semelhança com algo nojento .....	52
5. Limitações .....	54
6. Conclusão .....	56
Referências .....	59
Anexo A – Guião das Entrevistas.....	63
Anexo B – Transcrição das Entrevistas.....	70
Anexo C – Codificação, para Todos os Cenários, por Escolha Alimentar.....	71

Lista de Tabelas

Tabela 1. <i>Classificação das Características Sociodemográficas dos Participantes</i> .....	18
Tabela 2. <i>Número de Anos de Vegetarianismo, e Idade Aquando da Escolha Alimentar, dos Participantes Vegetarianos</i> .....	20
Tabela 3. <i>Grau de Apetecibilidade dos Cenários Apresentados (0-10), por Participante</i> .....	27
Tabela 4. <i>Grau de Apetecibilidade dos Cenários Apresentados (0-10), por Escolha Alimentar</i> .....	28
Tabela 5. <i>Decisão sobre Comer ou Não a Refeição Apresentada em Cada Cenário, por Participante</i> .....	30
Tabela 6. <i>Decisão sobre Comer ou Não a Refeição Apresentada em Cada Cenário, por Escolha Alimentar (em percentagem)</i> .....	31
Tabela 7. <i>Resultados da Codificação, para Todos os Cenários, por Escolha Alimentar (em percentagem)</i> .....	33
Tabela 8. <i>Recurso a Argumentos de Contaminação ou Semelhança pelos Participantes, para Todos os Cenários</i> .....	34
Tabela 9. <i>Recurso a Argumentos de Contaminação ou Semelhança, pelos Participantes que Não Comem a Refeição (em percentagem)</i> .....	36

Lista de Abreviaturas

VM – Vegetariano por questões morais

VS – Vegetariano por questões de saúde

O – Omnívoro

## 1. Introdução

### 1.1. O Vegetarianismo nos Países Industrializados

O sistema alimentar global depende de recursos essenciais cada vez mais escassos. A alimentação nos atuais moldes não tem sustentabilidade e não é um recurso acessível a todos. A indústria da carne massificou-se, com os efeitos ambientais nefastos, intensificando-se o efeito de estufa, e comprometendo a saúde daqueles que a consomem. Acrescem ainda as questões éticas emergentes nas últimas décadas relacionadas com os Direitos dos Animais e com o desperdício alimentar e ecológico.

Em 2002, Chopra, Galbraith e Darnton-Hill estimaram que, em 2020, cerca de dois terços das doenças a nível global seriam atribuíveis a doenças crónicas não transmissíveis, a maioria das quais com uma forte associação à alimentação. A transição alimentar para alimentos processados, alimentos de origem animal e gorduras saturadas assumiu pois um papel determinante na atual epidemia global de obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) (2011), na Europa, 86% das mortes e 77% dos gastos na saúde estão relacionadas com doenças cardiovasculares, cancro, diabetes, doenças respiratórias crónicas e desordens mentais. E estimativas recentes, publicadas pela OMS (2014), sugerem que mais de 40% das mortes relacionadas com estas doenças são prematuras e que um dos fatores de risco são as dietas desequilibradas e deficientes.

A criação de um novo paradigma em relação às escolhas alimentares cresce na maioria dos países industrializados. Nos Estados Unidos, o Departamento da Agricultura, Saúde e Serviços Humanos publica de cinco em cinco anos linhas orientadoras para uma dieta mais nutritiva e equilibrada (United States Department of Agriculture, 2015). Das várias alternativas crescentes, nas últimas décadas, destacam-se os movimentos associados ao vegetarianismo – como resposta a questões éticas, de saúde e ambientais. Por outro lado, continua vigente a noção de que a carne está associada a um simbolismo ou *status* social, encarado como sinal de riqueza (Fessler e Navarrete, 2003b).

Nas últimas décadas, o consumo de carne e outros alimentos de origem animal sofreu um aumento massivo e global. Segundo Henchion, McCarthy, Resconi e Troy (2014), os dados da *Food and Agriculture Organization* (FAO) indicam um aumento significativo do

consumo de carne nas últimas décadas. O consumo global de carne aumentou cerca de 60%, entre 1990 e 2009. Parte deste aumento deve-se ao aumento da população mundial. No entanto, o consumo *per capita* também aumentou em cerca de 15%, entre 1990 e 2009. Também de acordo com Chopra *et al.* (2002), o aumento do consumo de carne e de outros produtos de origem animal coincide com a diminuição no consumo de cereais e verduras.

É também importante realçar que os hábitos alimentares nos países industrializados nem sempre se coadunam com o progresso e com uma qualidade de vida saudável. Muitas dietas, independentemente das escolhas alimentares, não se enquadram numa alimentação nutritiva e equilibrada. Ou seja, as dietas cujo consumo de carne e derivados é excessivo trazem uma série de complicações para a saúde; e as dietas vegetarianas que não têm a preocupação por ir buscar os nutrientes necessários contribuem para um regime alimentar deficiente e com graves complicações a médio/longo prazo.

De acordo com Craig e Mangels (2009), a American Dietetic Association é a favor de dietas vegetarianas ou *vegan*, uma vez que são mais saudáveis, adequadas desde um ponto de vista nutritivo, e podem trazer maiores benefícios para a saúde na prevenção e tratamento de algumas doenças. Qualquer pessoa, em qualquer fase da sua vida, pode beneficiar de uma dieta vegetariana equilibrada – incluindo em períodos como a gravidez, lactação, infância, adolescência e em pessoas que façam desporto.

A informação correta e a consciencialização de que uma dieta nutritiva e equilibrada aporta inúmeros benefícios para a saúde deve ser veiculada a todas as faixas etárias e estar acessível a todas as pessoas. Da mesma forma, o vegetarianismo alerta para a possibilidade de uma dieta igualmente nutritiva e equilibrada sem recorrer ao sofrimento animal. É possível uma alimentação alternativa sem que esta levante necessariamente questões éticas.

A tendência crescente do vegetarianismo em termos globais requer um conhecimento mais aprofundado sobre a forma como os vegetarianos pensam acerca do consumo de carne e outros alimentos de origem animal.

### **1.2. Implicações para os Vegetarianos em Portugal**

Existem ainda poucos estudos que permitam quantificar e qualificar o fenómeno do vegetarianismo em Portugal.

Em 2007, o Centro Vegetariano – uma associação dedicada à “divulgação e promoção do vegetarianismo e veganismo, nas suas vertentes éticas, de saúde, ecológicas e económicas” (Centro Vegetariano, 2007) –, encomendou à empresa de estudos de *marketing* Nielsen um estudo de mercado sobre práticas vegetarianas em Portugal. Este estudo permitiu, pela primeira vez em Portugal, obter uma estimativa com significado estatístico para a dimensão da população vegetariana (que nunca consome carne nem peixe) – que seria, à data, de cerca de 30.000 pessoas.

Os resultados obtidos pelo referido estudo permitiram também aumentar o conhecimento sobre alguns hábitos alimentares dos portugueses (Centro Vegetariano, 2007): à data do estudo, 5% da população excluía uma das categorias alimentares tradicionais (carne, peixe, laticínios ou ovos); 2% dos portugueses nunca consumia carne; 1% dos portugueses nunca consumia peixe; os entrevistados mais velhos (55-65 anos) eram os que menos consumiam carne e laticínios. Neste estudo, não foram exploradas as motivações subjacentes ao seguimento de cada dieta.

Num estudo de mercado mais recente, realizado pelo Observatório da Nutrição e Alimentação em Portugal (Observatório da Nutrição e Alimentação em Portugal, 2015) com o objetivo de “caracterizar, conhecer e avaliar tendências relativamente aos temas da nutrição e alimentação em Portugal”, 77,8% dos entrevistados afirmaram que nunca (ou menos de uma vez por mês) faziam uma refeição principal de comida vegetariana.

Numa série de estudos pioneiros realizados em Portugal sobre o vegetarianismo (Graça, Oliveira e Calheiros, 2015; Graça, Calheiros e Oliveira, 2015; Graça, Calheiros e Oliveira, 2016), os autores procuram compreender em profundidade os processos psicossociais que podem dificultar ou facilitar a transição de uma dieta omnívora para uma dieta à base de alimentos de origem vegetal, em que o consumo de carne é reduzido ou evitado. A vinculação afetiva à carne foi explorada como um contínuo em que, no polo negativo, se assinalaram reações de nojo e emoções negativas associadas à carne, referências a impactos negativos e aos animais como vítimas, disponibilidade para alterar hábitos de consumo e abstinência de carne; no polo positivo, assinalaram-se sentimentos hedonistas e sinais de dependência relativamente à carne, bem como indisponibilidade para alterar hábitos de consumo e intenção de manter o consumo de carne (Graça, Oliveira e Calheiros, 2015).

Uma situação comum, em Portugal é que muitas opções oferecidas como vegetarianas nos restaurantes não especializados acabam por não ser totalmente vegetarianas. Além do

forte enraizamento do consumo de carne na dieta tradicional portuguesa, existem outros fatores, como a falta de consciencialização para a dimensão ética do vegetarianismo, ou a falta de informação sobre a proveniência de determinados ingredientes, que podem dificultar a vida aos vegetarianos, principalmente aos mais estritos. Um exemplo clássico desta dificuldade pode ser encontrado na sobremesa de gelatina, que é geralmente considerada uma sobremesa composta exclusivamente por ingredientes vegetais, mas que, na realidade, contém produtos de origem animal (nomeadamente, ossos e cartilagens altamente processados).

Outra questão que pode levantar-se em termos de hábitos de consumo diz respeito à identificação de refeições vegetarianas nos supermercados. Os mercados ainda não estão sensíveis a esta escolha alimentar e a oferta fica muitas vezes aquém das inúmeras possibilidades existentes, mas que não chegam ao consumidor final. Em Portugal e nos outros países da União Europeia, a realidade tem vindo a modificar-se sobretudo por regulamentação sobre modo de produção em agricultura biológica. Por exemplo, é obrigatória, por lei, desde 1 de Julho de 2010 (Commission Regulation [EU] No 271/2010), a identificação do logótipo europeu da agricultura biológica nos produtos em que o mesmo se aplica. Contudo, a comida vista como “alternativa” ou proveniente de agricultura biológica é ainda uma realidade distante para a grande maioria das pessoas. Esta escolha alimentar está associada a uma alimentação mais cara do que a alimentação “corrente”, que resulta da produção em massa. Acresce ainda o desconhecimento geral de um regime alimentar equilibrado e atrativo para este tipo de alimentação, que permita a transição alimentar para alimentos que fujam aos processados, aos alimentos de origem animal e gorduras saturadas.

Finalmente, interessa referir os movimentos vegetarianos começam a ganhar força em Portugal como noutros países, através da criação de refeições que não contêm carne, mas se assemelham à carne ou a produtos de carne. No mercado de alimentação vegetariana verificou-se nos últimos anos um aumento de produtos tipo “enchido”: salsichas, chouriços ou alheiras vegetarianas. O exemplo mais paradigmático desta situação talvez seja o peru vegetariano norte-americano de Ação de Graças, constituído por ingredientes vegetarianos mas com forma e consistência de peru. Nesta situação, é pertinente questionar se o facto de saberem que este alimento não contém carne é suficiente para todos os vegetarianos o comerem, ou se alguns vegetarianos o rejeitam exatamente por evocar algo que não consomem por razões éticas.

### 1.3. Objetivos da Investigação

Dada a falta de estudos que permitam uma melhor compreensão da relação entre vegetarianos e alimentos associados a carne, o presente estudo qualitativo visa uma investigação exploratória das reações e argumentos apresentados por vegetarianos quando são confrontados com alimentos que estiveram em contacto com carne, que se assemelham a carne ou que são considerados como “impuros”. Mais especificamente, procurar-se-á identificar se a decisão entre comer ou não certo tipo de alimentos é influenciada por algum tipo de pensamento mágico; e se existem diferenças a esse nível entre *vegetarianos por questões morais* e *vegetarianos por questões de saúde*.

## 2. Enquadramento Teórico

### 2.1. Escolhas Alimentares e Definições

A comida tem um peso imenso nas nossas vidas. Estamos quase sempre na sua presença. Não a poderíamos evitar nem que o tentássemos, já que dependemos dela para nossa própria sustentabilidade. Contudo, a função da comida não se restringe apenas ao seu valor nutricional. Serve ainda propósitos sociais, pode implicar questões morais, resultar numa fonte de prazer para quase todas as pessoas, ou uma forma de ansiedade (Rozin, 1996; Rozin, 1999)

A American Dietetic Association propõe a seguinte classificação das práticas alimentares: *vegan* – vegetarianos que não ingerem carne, peixe, ovos ou produtos lácteos; frutívoros – subgrupo de *vegan*, apenas ingerem frutos, frutos secos e sementes; ovovegetarianos – vegetarianos que ingerem ovos e os seus derivados; lactovegetarianos – vegetarianos que ingerem leite e os seus derivados; ovolactovegetarianos – vegetarianos que ingerem leite e ovos e os seus derivados; pesco-vegetarianos – vegetarianos que ingerem peixe; semivegetarianos – pessoas que ingerem apenas quantidades reduzidas de carne e peixe; e omnívoros – pessoas que ingerem todo o tipo de alimentos (Craig e Mangels, 2009).

A classificação acima demonstra que mesmo os vegetarianos podem ser diferenciados com detalhe de acordo com o seu tipo específico de alimentação. No entanto, existe uma classificação mais adequada à diferenciação dos fatores que estão subjacentes a essa escolha alimentar. Relativamente às motivações do vegetarianismo, Amato e Partridge (1989) identificam uma predominância de razões morais e de saúde, e afirmam a possibilidade de

distinguir entre *vegetarianos por questões morais* – aqueles que fundamentam a sua escolha alimentar com argumentos éticos ou morais –, e *vegetarianos por questões de saúde* – que fundamentam a sua escolha alimentar com questões de saúde.

Os *vegetarianos por questões morais* podem recusar o consumo de quaisquer produtos que advenham da exploração e mau trato animal – não só produtos relacionados com a alimentação, mas também vestuário e outros subprodutos, como por exemplo, a cera de abelha usada para o restauro de móveis. Os *vegetarianos por questões de saúde*, que fizeram essa opção preocupando-se preferencialmente pelo seu próprio bem-estar, podem não reconhecer ou valorizar de igual forma o bem-estar animal.

Segundo Rozin, Markwith e Stoess (1997), os *vegetarianos por questões morais* manifestam um sentido de “dever” subjacente à decisão de não comer carne, demonstram algum grau de preocupação pelo facto de outras pessoas comerem carne e são talvez menos tentados, ou menos atraídos, pela carne. Por outro lado, os *vegetarianos por questões de saúde* utilizam menos a palavra “dever”, são menos perturbados pelo consumo de carne por parte de outras pessoas, e talvez sejam tentados com maior frequência a comer carne.

## **2.2. O Processo de Moralização e o Papel do Nojo**

Rozin *et al.* (1997) exploraram o conceito de *moralização* aplicado ao vegetarianismo. A moralização é o processo através do qual as preferências se convertem em valores – ou seja, através do qual objetos ou atividades moralmente neutras adquirem uma componente moral. Os valores são mais duradouros, mais identitários e mais internalizados do que as preferências (McCauley, Rozin e Schwartz, 1995 citados em Rozin *et al.* 1997); por outro lado, os valores, ao contrário das preferências, recebem apoio legal e institucional, e são mais transmissíveis em ambiente familiar, através da socialização-internalização (Cavalli-Sforza, Feldman, Chen, & Dombusch, 1982; Rozin, 1991 citados em Rozin *et al.* 1997). Os autores sugerem que os valores promovem a consistência cognitiva, e logo facilitam a construção de múltiplas justificações para a ação em causa.

Segundo o mesmo estudo, tanto os valores como as preferências se encontram ligados a sistemas afetivos. No entanto, a vinculação dos valores reveste-se de particular interesse e potencial porque os valores (ou a sua violação) provocam fortes reações morais, tais como raiva, desprezo, nojo, culpa ou vergonha (Rozin *et al.* 1997). Os autores centram-se

especificamente na emoção de nojo enquanto meio através do qual se podem definir fortes aversões e rejeições. O nojo aparece como rejeição de um tipo específico de rejeição alimentar idealizada, mas, através da evolução cultural, “aplica-se” a uma diversidade de objetos e acontecimentos, como meio de suporte e internalização da rejeição desses objetos e acontecimentos.

O nojo é considerado um mecanismo de sobrevivência no sentido de proteger os organismos vivos de entrarem em contacto com substâncias perigosas, tóxicas ou insalubres. O receio de contágio ou a ameaça de doença desenvolve atitudes etnocêntricas em relação a grupos exteriores (Navarrete e Fessler, 2006).

Estudos publicados defendem que os fatores que desencadeiam a emoção nuclear de nojo são geralmente de origem animal (Rozin e Fallon, 1987). De forma transversal a todas as culturas, os elementos relacionados com alimentação que provocam nojo são sempre de origem animal (Rozin e Haidt, 1999). O nojo tem sido descrito como uma das quatro categorias de rejeição de alimentos, sendo as restantes o mau gosto (rejeição motivada por propriedades sensoriais negativas), o perigo (rejeição motivada pelo medo de lesar o organismo) e inadequação (rejeição de alimentos culturalmente classificados como incomestíveis) (Rozin e Fallon, 1987).

Ainda para Rozin e Fallon (1987), o nojo assenta na reação física de náusea: uma sensação que desencoraja a ingestão de determinado alimento ou até o vômito caso o alimento tenha sido ingerido; a expressão facial de nojo centra-se na boca e no nariz com uma forte componente nos cheiros e sabores; foram observados comportamentos idênticos em mamíferos não humanos exclusivamente assente na questão dos alimentos; e a origem da palavra nojo em inglês – “disgust” – vem do francês “dégoût”, que significa mau gosto. O nojo é ainda classificado, em diferentes graus, nas três principais áreas sacerdotais relacionadas com a pureza: tabus alimentares, contágio corporal e comportamento imoral, de acordo com Kazen (2011).

O estudo de Rozin *et al.* (1997) descreve sucintamente como se desenvolve o processo de moralização associado ao não consumo de carne. O processo pode ser desencadeado por uma experiência afetiva intensa, tal como ver animais abatidos para consumo; pode também surgir por vias mais cognitivas, tais como a leitura de um livro sobre direitos dos animais. A partir do momento em que se inicia, o processo avança com a força que apenas a justificação moral pode dar. A abstinência de carne vermelha evolui frequentemente para a abstinência de

outros alimentos de origem animal, e o grau de envolvimento moral tende a aumentar (Amato e Partridge, 1989). De forma a obter consistência cognitiva, os novos vegetarianos vão tentando resolver contradições aparentes nas suas atitudes e comportamentos. Mais, quando assumem uma posição forte e irrevogável, tendem a procurar e processar seletivamente informação que reforce essa posição (Amato e Partridge, 1989). Para Rozin *et al.* (1997), a moralização do não consumo de carne aumenta o nojo pela carne e reforça a capacidade de argumentação dos *vegetarianos por questões morais*, principalmente daqueles que fizeram essa escolha há mais tempo. É evidenciada uma clara associação da reação de nojo pela carne com os *vegetarianos por questões morais*, e não com os *vegetarianos por questões de saúde*, concluindo que a rejeição de produtos animais é, num número significativo de casos, um exemplo de moralização (Rozin *et al.* 1997). Os autores referem que ficam por explicar as razões pelas quais apenas algumas pessoas se tornam vegetarianas e também as razões pelas quais, entre os vegetarianos, o consumo de carne apenas é moralizado nalguns casos. Consideram que os vegetarianos por questões *não morais* poderão abandonar mais facilmente os hábitos vegetarianos do que os *vegetarianos por questões morais*; consideram ainda que, e que a resistência esperada dos *vegetarianos por questões morais* a “prevaricar” esteja parcialmente relacionada com a ativação do nojo e a estabilidade de valores.

Rozin *et al.* (1999) defendem que os *vegetarianos por questões morais* consideram a carne mais nojenta porque, tendo adotado uma posição anti-carne com fundamentos filosóficos e éticos, passam a ligar (consciente ou inconscientemente) o consumo de carne a emoções poderosas que conferem força motivacional adicional à sua posição. Esta leitura é consistente com as abordagens tradicionais à argumentação moral e à emoção (Fessler, Arguello e Mekdara, 2003a).

Outros autores adotam uma abordagem “emotivista” à argumentação moral, que inverte a causalidade nesta explicação: é possível que, para muitos vegetarianos por questões morais, a abstinência de carne seja inicialmente motivada pelo nojo, e a posição moral constitua uma justificação posterior desta reação emocional (Haidt, Koller e Dias, 1993).

O estudo de Fessler *et al.* (2003a) propõe-se testar esta abordagem “emotivista”. Se, como afirmam os defensores dessa abordagem, o nojo pela carne precede a argumentação racional para a abstinência de carne, então o traço de personalidade de sensibilidade ao nojo deveria ser inversamente proporcional ao consumo de carne. Ou seja, quanto mais sensível ao nojo fosse uma pessoa, mais provável seria que evitasse o consumo de carne. Para explorar

esta expectativa, os autores entrevistaram 945 adultos sobre o consumo de carne, as razões para a abstinência da carne e a sensibilidade ao nojo. Contrariamente às previsões “emotivistas”, os autores depararam-se com os seguintes resultados: o consumo de carne encontrava-se positivamente correlacionado com a sensibilidade ao nojo; e os participantes que evitavam o consumo de carne por razões morais não eram mais sensíveis ao nojo do que aqueles que evitavam carne por outras razões. Os autores concluem pois que o vegetarianismo por questões morais obedece às explicações tradicionais da argumentação ética – significando que são as crenças morais que causam as reações de nojo pela carne dos *vegetarianos por questões morais*, e não o contrário.

### 2.3. Pensamento Mágico

O pensamento mágico é o pensamento baseado em suposições que, apesar de não serem racionais, também têm parte no processo de tomada de decisões (Rozin e Nemeroff, 1990b). Segundo Rozin, Millman, e Nemeroff (1986), os princípios do pensamento mágico, considerado característico de muitos sistemas de crenças e rituais “primitivos”, influenciam a vida cotidiana na cultura ocidental contemporânea.

Rozin e Nemeroff (1990b) estudaram a suscetibilidade ao pensamento mágico expondo pessoas a objetos que provocam nojo – tais como baratas, minhocas ou excreções humanas –, e foram surpreendidos pelo facto de, mesmo sabendo que os objetos eram feitos de material comestível (por exemplo, uma mosca realista feita de açúcar), muitas pessoas se recusarem a comê-los.

Para Malinowskyi (1955), citado em Nemeroff e Rozin (2000), apesar do pensamento mágico ser frequentemente considerado uma falsa ciência, existem duas ideias a ter em conta. Primeiro, é possível encontrar-se formas de pensamento e ação onde a ciência e a magia agem de forma complementar. Segundo, o pensamento mágico não pode ser visto como uma forma de pensamento desleixado, porque pode servir outros propósitos, ainda que não cumpra qualquer rigor científico. Pois, de acordo com Tambiah (1990), citado em Nemeroff e Rozin (2000), o pensamento mágico serve também funções importantes apesar de operar a um nível diferente da ciência. E por isso deve ser abordado como um valor adaptativo da evolução humana, funcionando como um potencial benefício para a humanidade.

Nemeroff e Rozin (2000) delineiam da seguinte forma o conceito de magia: 1. A magia é algo intuitivo e possivelmente universal do pensamento humano, e define-se com um sistema de crenças ou algo com associação a estas; 2. A magia não faz sentido no discurso científico contemporâneo; 3. A magia recai em evidência subjetiva, envolvendo suposição, explícita ou não, de correspondência entre o mundo interno e o externo; 4. A magia pode servir funções importantes (cognitivas, emocionais, sociais ou adaptativas); 5. A magia na sua forma mais prototípica envolve os *princípios de contaminação e semelhança*, e a noção de uma força imperceptível que conduz ou transporta os mecanismos aos efeitos.

Ainda segundo Rozin *et al.* (1986), o nojo constitui uma oportunidade para estudar os *princípios mágicos da contaminação e da semelhança*, porque a reação de nojo produz efeitos intensos que estão de acordo com esses princípios. Rozin e Fallon (1987); Rozin e Nemeroff (1990b) sugeriram que o nojo pode ser explicado através do *princípio mágico de contaminação* e do *princípio da semelhança*.

É, ainda, impossível definir o pensamento mágico pela sua eficácia ou ineficácia no mundo real. Porque a magia do presente rapidamente se transforma em ciência no futuro, e a ciência atual, tal como a conhecemos, também se pode tornar magia no futuro (Nemeroff e Rozin, 2000).

### **2.3.1. O princípio da contaminação**

O *princípio da contaminação* sustenta que “uma vez em contacto, para sempre em contacto”. Ou seja, quando dois corpos se tocam, existe uma troca de propriedade ou “essências”, que podem ser físicas, mentais ou morais, com valências positivas ou negativas, e provocadas diretamente ou de forma indireta através de um elemento veiculador (Nemeroff e Rozin, 2000).

De acordo com Rozin *et al.* (1986); Rozin, Nemeroff, Wane e Sherrod (1989); Nemeroff e Rozin (1994); Nemeroff e Rozin (2000); Rozin e Nemeroff (2002), o *princípio da contaminação* ocorre de quatro maneiras: 1. Para que haja contaminação é necessário existir contacto físico; 2. Permanência: “uma vez em contacto, para sempre em contacto”; 3. Por menor que seja o contacto, a contaminação compromete todo o seu entorno; 4. Resistência à purificação.

Segundo Nemeroff e Rozin (1994), o *princípio da contaminação* em adultos norte-americanos expressa-se através de duas formas: *contaminação material*, que apesar do contágio pode ser neutralizado ou removido através da limpeza, filtração, cozedura ou outros tratamentos; e *contaminação espiritual*, que na sua essência não permite a separação dos corpos em contágio. Um exemplo são os balneários da Universidade da Pensilvânia, onde os estudantes se sentiam desconfortáveis após saber que abusos sexuais de menores tinham ocorrido naquele espaço, fazendo com que fosse prevista uma remodelação total do recinto, segundo a Associated Press em 2012, citada em Rozin *et al.* (2015).

A reação de contaminação (isto é, a rejeição de um potencial alimento caso tenha tido o mínimo contacto com um elemento causador de nojo) parece ser poderosa entre adultos americanos (Rozin *et al.* 1986; Rozin *et al.* 1989). Estudantes universitários norte-americanos rejeitaram bebidas que apreciavam após estas estarem em contacto com uma barata esterilizada (Rozin *et al.* 1986). A propriedade contaminatória do nojo foi comentada, de passagem, por Darwin (1872), citado em Rozin (2000), que enfatizou a sua relevância em termos evolucionários.

Um estudo recente de Rozin *et al.* (2015), com uma amostra superior a dois mil norte-americanos e ainda um segundo estudo com uma amostra dirigida a pessoas com baixas habilitações literárias, a propósito do aumento da escassez de água potável, demonstrou que o nojo e a contaminação estão presentes nos aspetos psicológicos no que concerne ao consumo de água reciclada. Os resultados demonstraram que 13% da amostra se recusou a experimentar água reciclada, 49% estaria disposta a experimentar, e ainda 38% de indecisos. Tanto o nojo como a contaminação foram os argumentos com maior recorrência para justificar o não consumo da água residual reciclada. E, para uma minoria, nenhuma forma de purificação poderia ser considerada aceite, mesmo que o resultado tornasse a água mais pura que a engarrafada. A água da torneira é considerada como mais fiável do que as águas residuais submetidas a um maior processo de purificação do que as primeiras.

### **2.3.2. O princípio da semelhança**

O *princípio da semelhança* sustenta que as coisas que se assemelham entre si a um nível superficial partilham igualmente propriedades mais profundas (Nemeroff e Rozin, 1992). Este princípio capta a ideia de que ‘a aparência é igual à realidade’ (Nemeroff e Rozin,

2000). Como tal, as ações dirigidas a um objeto podem afetar objetos similares. Um exemplo prototípico do *princípio da semelhança* é a prática vudu de queimar uma representação do inimigo com o objetivo de prejudicá-lo.

O *princípio da semelhança* começou a ser estudado pela psicologia moderna através das reações de estudantes universitários norte-americanos ao estímulo do nojo (Rozin *et al.*, 1986; Rozin e Nemeroff, 2002). No estudo, Rozin *et al.* (1986) conseguiram demonstrar várias reações consistentes com o *princípio da semelhança*. A maior parte dos estudantes preferia um pedaço redondo de chocolate a um pedaço do mesmo chocolate moldado em forma de “cocó de cão”. E houve muito mais estudantes a recusarem pôr na boca um pedaço de “vômito falso” feito de borracha do que a recusarem pôr na boca um tampão de lavatório limpo e novo.

Numa outra situação de respostas consistentes com o *princípio da semelhança*, estudantes universitários norte-americanos viam dois frascos de vidro serem enchidos com açúcar de um pacote de açúcar comercial. De seguida, pedia-se aos participantes que colocassem o rótulo com a palavra “sacarose” num frasco à sua escolha, e no outro frasco um rótulo com a palavra “veneno”. Após este procedimento, ambos os açúcares eram misturados em dois copos de água separados. Era então pedido aos estudantes que pontuassem a sua vontade de beber de cada um dos copos. Muitos participantes manifestaram relutância em beber do copo com o açúcar do frasco com o rótulo com a palavra “veneno”, e houve uma clara preferência pelo copo que continha o açúcar do frasco com o rótulo com a palavra “sacarose” (Rozin *et al.*, 1986; Rozin, Markwith e Ross, 1990a).

#### **2.4. Pensamento Mágico e Vegetarianismo**

Dado o poder do pensamento mágico para elevar ou rebaixar o indivíduo, e o poder da ingestão como forma de contaminação, não é de surpreender que a comida e o ato de comer sejam altamente moralizados (Nemeroff e Rozin, 1989; Rozin *et al.*, 1997).

A crença “somos o que comemos” – que pode ser considerada uma manifestação do pensamento mágico – foi explorada por Nemeroff e Rozin (1989); Rozin e Fallon (1987). Os autores criaram dois cenários de culturas fictícias e transmitiram a grupos de estudantes universitários norte-americanos informação sobre os respetivos hábitos alimentares. Para cada cenário foram criadas duas versões, em tudo idênticas *exceto* no tipo de alimentação atribuído

a cada cultura. Os Chandoran foram descritos como caçadores de tartarugas e javalis; na versão 1, comiam tartarugas, mas não javalis; na versão 2, comiam javalis, mas não tartarugas. Os participantes liam a descrição, e depois classificavam os atributos dos Chandoran numa lista de adjetivos com itens que atribuíveis a javalis e a tartarugas (tais como “peludo”, “agressivo”, “veloz”, etc.). Os comedores de javalis foram classificados com mais adjetivos de javali do que os comedores de tartarugas. Num segundo estudo semelhante, os Hagi, na versão 1, eram vegetarianos mas caçavam elefantes; na versão 2, comiam carne de elefante e cultivavam vegetais para vender. Os comedores de elefantes foram classificados com mais atributos de animais, e particularmente de elefantes, do que os vegetarianos. Apesar de o padrão de classificação ser claro, a magnitude de efeitos individuais foi reduzida e a crença aparentemente funcionava a um nível implícito. Ou seja, poucos participantes do estudo admitiriam ou teriam consciência das referidas crenças (Nemeroff e Rozin, 1989).

Um exemplo comum desta crença é a atitude quasi-moral face à obesidade e aos “alimentos maus” em muitos segmentos da cultura norte-americana. Numa versão ocidental de “somos o que comemos”, no estudo de Stein e Nemeroff (1995) pediram a estudantes universitários norte-americanos que classificassem alimentos em “bons” e “maus”, e justificassem porquê. Os alimentos foram classificados consoante eram mais ou menos saudáveis, e faziam ou não engordar. Depois, outros participantes liam um de dois cenários fictícios sobre um estudante. Os cenários eram idênticos exceto pelo tipo de alimentação do estudante, que era “boa” num caso (por exemplo, fruta, salada, frango), e “má” no outro (por exemplo, bifes, batatas fritas, donuts). Após lerem uma das versões, os participantes classificavam o sujeito com adjetivos de uma escala que incluía aspetos morais. Os sujeitos que comiam “bem” eram claramente percebidos como melhores pessoas do que sujeitos que comiam “mal”. As crenças de contaminação, e especificamente ideias sobre o contágio moral e/ou físico resultante da ingestão alimentos, explicava do efeito moral-alimentação (Stein e Nemeroff, 1995).

Num outro estudo quantitativo, Rozin *et al.* (1986) procuraram saber se o pensamento mágico estava presente na cultura americana, através dos *princípios de contaminação e semelhança*. Por exemplo, provou-se que bebidas que tivessem estado em contacto com baratas mortas e esterilizadas eram vistas como indesejadas porque o *princípio de contaminação* estava presente na decisão de não desejar a bebida. Da mesma forma, as pessoas rejeitavam alimentos que gostavam mas que tivessem uma aparência semelhante a algo que lhes despertasse uma reação de nojo, tal como “cocó” de cão. Neste caso, a decisão

de rejeitar o alimento era feita com base no *princípio da semelhança*. Segundo os autores, a componente psicológica, em muitas situações, tem mais peso que as propriedades físicas dos alimentos. Ou seja, ainda que conscientes da qualidade das propriedades dos alimentos, os participantes manifestam reações de nojo face aos estímulos apresentados. Os resultados demonstraram uma evidência clara na operacionalização do pensamento mágico em todos os temas abordados.

Por outro lado, nos últimos anos, nos países ocidentais, o adjetivo “natural” tem sido correlacionado com produtos alimentares sempre que possível. Existe um enfoque dado pelos *media* de que a noção do que é natural se encontra no domínio da comida e da saúde. E tem sido dada especial atenção ao que é considerado antinatural e aos organismos geneticamente modificados (Frewer, Hedderly, Howard, & Shepherd, 1997; Gaskell, Bauer, Durant, & Allum, 1999; Hohl & Gaskell, 2008; Weiner & Rogers, 2002), citados em Rozin, Fischler, Shields-Argelès (2012).

A este propósito, e de acordo com Rozin, Spranca, Krieger (2004), dois estudos dirigidos a estudantes universitários e à população norte-americana adulta manifestaram uma preferência por produtos alimentares que fossem rotulados como naturais *versus* alimentos da mesma categoria classificados como comida processada. Ou seja, os produtos naturais são percebidos como sendo mais saudáveis, mais saborosos ou com menos impacto ambiental. Os resultados demonstraram ainda que mesmo que os produtos naturais fossem quimicamente idênticos aos alimentos processados, a escolha continuaria a recair sobre os primeiros. Esta evidência demonstrou que a preferência pelo que é natural é em parte motivada por razões morais e estéticas, tendo como base uma noção ideológica.

No seu estudo quantitativo sobre o vegetarianismo e a moralização, Rozin *et al.* (1997) procuraram identificar o papel do nojo em *vegetarianos por questões morais* e os *vegetarianos por questões de saúde*. Este estudo mediu as correlações entre contaminação com um elemento de carne e concordância com argumentos éticos e de saúde; e mediu também correlações entre aparência de carne e concordância com argumentos éticos e de saúde. Os resultados obtidos sugeriram uma maior correlação entre a reação à contaminação e a argumentação ética para não comer carne do que entre a reação à contaminação e a argumentação de saúde para não comer carne. Ou seja, o estudo sugere que os *vegetarianos por questões morais* são mais sensíveis ao efeito de contaminação do que os *vegetarianos por questões de saúde*. Por outro lado, os resultados obtidos sugerem uma correlação um pouco

maior entre a reação negativa à aparência de carne e a argumentação de saúde para não comer carne do que entre a reação negativa à aparência de carne e a argumentação ética para não comer carne. Ou seja, o estudo sugere que os *vegetarianos por questões de saúde* são mais sensíveis ao efeito de semelhança do que os *vegetarianos por questões morais*.

Este estudo permitiu uma melhor compreensão das fundamentações e emoções que levam os vegetarianos a rejeitar alimentos relacionados com carne. Contudo, não permitiu detetar a presença de um possível pensamento mágico, uma vez que procurou apenas medir se os participantes gostavam ou não de certo alimento. Além do mais, não permitiu compreender se o pensamento mágico é um fator decisivo na decisão de não comer determinados alimentos, na medida em que poderiam existir outras razões ou até outros tipos de pensamento mágico utilizados para fundamentar determinadas decisões.

### **2.4.1. Lacunas de investigação e a necessidade da abordagem qualitativa**

A maioria da investigação sobre pensamento mágico e vegetarianismo até aqui realizada tem consistido de estudos quantitativos, que nem sempre permitem uma leitura aprofundada das respostas dos participantes – e principalmente daquilo que motiva essas respostas. É essa lacuna de investigação que fundamenta a opção no presente estudo pela abordagem qualitativa.

Através da abordagem qualitativa, procurou-se aprofundar o que motiva a decisão de comer ou não determinado alimento, no sentido de compreender se existem apenas argumentos racionais na base dessa decisão, ou se esta é também influenciada pelo pensamento mágico, sob as formas de *princípio da contaminação* e *princípio da semelhança*.

As entrevistas, no presente estudo, permitiram uma recolha de dados mais completa, sendo possível, por exemplo, uma melhor compreensão dos argumentos apresentados na questão “Por que razões não comerias esta refeição (ou parte dela)?” e que remete diretamente às duas questões de investigação.

#### 2.4.2. Questões de investigação e expetativas

Com o presente estudo, serão analisadas as respostas às seguintes questões de investigação:

- O pensamento mágico (sob a forma de *princípio da semelhança* ou *princípio da contaminação*) está presente na decisão dos vegetarianos de não comer alimentos associados a carne? O pensamento mágico é um fator decisivo nessa decisão?
- Existem diferenças a esse nível entre *vegetarianos por questões morais* e *vegetarianos por questões de saúde*?

Tendo em vista a exploração e análise das questões de investigação acima referidas, foram articuladas as expetativas abaixo indicadas relativamente aos resultados obtidos no presente estudo.

A primeira expetativa é que os *vegetarianos por questões morais* recorrem mais do que os *vegetarianos por questões de saúde* a argumentos relacionados com contaminação para não comerem comida vegetariana que consideram “contaminada” com carne. Esta expetativa é consistente com o estudo de Rozin *et al.* (1997), que aponta que os *vegetarianos por questões morais* são mais sensíveis ao efeito de contaminação do que os *vegetarianos por questões de saúde*. É também consistente com Rozin *et al.* (1999), que defendem que os *vegetarianos por questões morais* consideram a carne mais nojenta. Finalmente, é consistente com a abordagem “emotivista”, que defende que a abstinência de carne pode ser inicialmente motivada pelo nojo, constituindo a posição ética uma justificação posterior desta reação emocional (Haidt *et al.*, 1993).

A segunda expetativa é que os *vegetarianos por questões de saúde* recorrem mais do que os *vegetarianos por questões morais* a argumentos relacionados com a semelhança para não comerem comida vegetariana que consideram “semelhante” a carne. Esta expetativa é consistente com o estudo de Rozin *et al.* (1997), que aponta que os *vegetarianos por questões de saúde* são mais sensíveis ao efeito de semelhança do que os *vegetarianos por questões morais*.

A terceira expetativa é que os *vegetarianos por questões morais* podem ser mais sensíveis às violações da “pureza” em geral do que os *vegetarianos por questões de saúde*; estas violações não têm de estar necessariamente relacionadas com carne, podendo surgir em

relação a outros alimentos. Esta expectativa é consistente com o estudo de Rozin *et al.* (1997), que aponta que os *vegetarianos por questões morais* são mais sensíveis ao efeito de contaminação do que os *vegetarianos por questões de saúde*. É ainda consistente com o estudo de Rozin *et al.* (2004), onde foi evidenciada uma preferência por produtos alimentares que sejam rotulados como naturais. Finalmente, é consistente com Haidt *et al.* (1993) que defende que a abstinência de carne pode ser inicialmente motivada pelo nojo, constituindo a posição ética uma justificação posterior desta reação emocional.

A quarta expectativa é que os *vegetarianos por questões morais* deveriam recorrer mais a argumentos relacionados com os *princípios de contaminação e semelhança* para não comerem alimentos vegetarianos que considerem contaminados ou que se assemelhem a algo nojento, mas que não lhes levantem necessariamente questões éticas. Esta expectativa é consistente com os estudos de Rozin *et al.* (1997) e de Haidt *et al.* (1993) acima referidos.

### **3. Estudo Empírico: Exploração do Pensamento Mágico nos Vegetarianos**

#### **3.1. Método**

##### **3.1.1. Participantes**

A amostra foi recolhida através da técnica de bola de neve, onde se estabeleceu contacto inicial com algumas pessoas previamente identificadas como membros dos grupos que se pretende estudar. E essas, por sua vez, facilitaram o contato de mais pessoas dispostas a participar no estudo.

Participaram neste estudo trinta e cinco pessoas, com idades compreendidas entre os 26 e os 62 anos ( $M = 40,94$ ;  $DP = 9,8$ ). Do total dos participantes, 74,3% ( $n=26$ ) eram do género feminino e 25,7% ( $n=9$ ) do género masculino. A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas de cada participante.

Tabela 1

*Classificação das Características Sociodemográficas dos Participantes*

Participante	Idade	Género	Escolha alimentar	Formação académica	Profissão
1	36	F	VS	Licenciatura	Comunicação Social
2	31	F	VS	Licenciatura	Designer
3	52	M	VS	Licenciatura	Tec. Sup. Função Púb.
4	47	M	VM	12º Ano	Investigador Criminal
5	44	F	VM	Licenciatura	Técnica Dentária
6	51	F	VM	Doutoramento	Jornalista
7	41	M	VS	Licenciatura	História de Arte
8	49	F	O	Licenciatura	Gestão de RH
9	26	F	VM	12º Ano	Atriz
10	56	F	VM	12º Ano	Artista Visual
11	30	F	VM	Mestrado	Est. de Doutoramento
12	42	M	VS	Licenciatura	Marketing
13	43	F	VM	Doutoramento	Socióloga
14	28	F	VM	Mestrado	Desempregada
15	33	F	VS	Licenciatura	Jurista
16	59	M	O	12º Ano	Cortador de Carne
17	33	M	O	Licenciatura	Museólogo
18	54	M	O	12º Ano	Empresário
19	62	F	VS	9º Ano	Empresária
20	34	F	VM	12º Ano	ONG Proteção Animais
21	32	F	VS	Licenciatura	Estud. Doutoramento
22	52	F	VS	Licenciatura	Advogada
23	31	F	VS	Licenciatura	Gestora
24	40	F	VM	Mestrado	Professora
25	38	F	VM	Mestrado	Professora
26	32	F	VS	Pós-Graduação	Museóloga
27	40	F	VM	Pós-Graduação	Professora
28	52	F	VS	12º Ano	Aux. Centro de Dia
29	27	M	VM	Mestrado	Engenheiro
30	52	M	VS	Pós-Graduação	Economista
31	41	F	VS	Mestrado	Gestora
32	40	F	O	Licenciatura	Farmacêutica
33	32	F	VM	Licenciatura	Educadora de Infância
34	35	F	O	Licenciatura	Consultora Pedagógica
35	38	F	O	Pós-Graduação	Designer

*Nota.* F – Feminino; M – Masculino; VM – Vegetariano por questões morais; VS – Vegetariano por questões de saúde; O – Omnívoro.

## Pensamento Mágico nas Decisões dos Vegetarianos

Da amostra total, 14 participantes eram *vegetarianos por questões morais* (40%); 14 participantes *vegetarianos por questões de saúde* (40%); e 7 participantes eram *omnívoros* (20%), permitindo uma linha de comparação. Dos participantes do género feminino, 46,2% (n=12) eram *vegetarianas por questões morais*, 38,5% (n=10) eram *vegetarianas por questões de saúde* e 15,4% (n=4) eram *omnívoras*. Dos participantes do género masculino, 22,2% (n=2) eram *vegetarianos por questões morais*, 44,4% (n=4) eram *vegetarianos por questões de saúde* e 33,3% (n=3) eram *omnívoros*.

A classificação dos *vegetarianos por questões morais* e dos *vegetarianos por questões de saúde* fez-se através das perguntas “Se és vegetariano em algum grau, porque decidiste deixar de comer carne?” e “A nível de escolhas alimentares, preocupam-te mais as questões éticas ou as questões relacionadas com a saúde?”. Os critérios de classificação foram a ordem dos argumentos apresentados (dando-se primazia ao primeiro argumento apresentado) e a importância atribuída pelo entrevistado a cada argumento. Muitos *vegetarianos por questões de saúde* evocaram quer argumentos de ordem ética, quer de saúde, embora as razões iniciais tivessem sido de saúde. Quando as duas perguntas referidas não eram suficientes para obter uma classificação clara, explorava-se mais esta questão ao longo da entrevista, procurando-se entender se existiam mais argumentos relacionados com questões éticas ou com questões de saúde.

Como se pode verificar pela Tabela 2, os entrevistados vegetarianos tinham feito essa escolha alimentar, em média, há 14 anos – e tinham na altura da decisão, em média, a idade de 26 anos. Os *vegetarianos por questões morais* tinham feito essa escolha alimentar, em média, há 13 anos – e tinham na altura da decisão, em média, a idade de 25 anos. Os *vegetarianos por questões de saúde* tinham feito essa escolha alimentar, em média, há 15 anos – e tinham na altura da decisão, em média, a idade de 26 anos.

Pensamento Mágico nas Decisões dos Vegetarianos

Tabela 2

*Número de Anos de Vegetarianismo, e Idade Aquando da Escolha Alimentar, dos Participantes Vegetarianos*

Participante	Escolha alimentar	Idade	Nº anos vegetarianismo	Idade aquando da escolha alimentar
1	VS	36	3	33
2	VS	31	3	28
3	VS	52	34	18
4	VM	47	15	32
5	VM	44	13	31
6	VM	51	33	18
7	VS	41	23	18
9	VM	26	2	24
10	VM	56	8	48
11	VM	30	6	24
12	VS	42	15	27
13	VM	43	9	34
14	VM	28	8	20
15	VS	33	NR	NA
19	VS	62	NR	NA
20	VM	34	12	22
21	VS	32	11	21
22	VS	52	15	37
23	VS	31	2	29
24	VM	40	20	20
25	VM	38	19	19
26	VS	32	12	20
27	VM	40	10	30
28	VS	52	18	34
29	VM	27	8	19
30	VS	52	29	23
31	VS	41	15	26
33	VM	32	17	15
Média VM	-	38,26	12,86	25,43
(DP)		(9,29)	(7,72)	(8,77)
Média VS	-	42,07	15,00	26,17
(DP)		(10,49)	(9,77)	(6,28)
Média	-	39,62	13,85	25,77
(DP)		(9,05)	(8,76)	(7,61)

*Nota.* VM – Vegetariano por questões morais; VS – Vegetariano por questões de saúde; O – Omnívoro;

NR – Não responde; NA – Não aplicável; DP – Desvio padrão.

### 3.1.2. Instrumentos e guião da entrevista

Foi desenhada uma entrevista exploratória, com perguntas de resposta aberta e semi-aberta, de forma a caracterizar os participantes quanto às suas escolhas alimentares e a captar as reações destes a determinados alimentos. Foram criados diferentes cenários para aprofundar as motivações subjacentes à decisão de ingerir ou não os alimentos apresentados. Os cenários foram desenhados de modo a permitir investigar se o pensamento mágico (sob as formas de contaminação e semelhança) está apenas relacionado com carne ou se também aparece em alimentos não relacionados com carne.

O guião da entrevista (ver Anexo A) é composto por quatro partes: 1) perguntas genéricas, 2) perguntas específicas sobre escolhas alimentares, 3) exploração de cenários e 4) pergunta final para conclusão.

Na primeira parte da entrevista, apresenta-se uma série de perguntas que permitem fazer a caracterização sociodemográfica do entrevistado (idade, género, formação académica, profissão).

Na segunda parte da entrevista, explica-se ao participante a classificação quanto às escolhas alimentares proposta pela American Dietetic Association (Craig e Mangels, 2009), e pede-se-lhe que se autotransclassifique como *vegan*, frutívoro, ovovegetariano, lactovegetariano, ovolactovegetariano, pescovegetariano, semivegetariano ou omnívoro. São ainda colocadas algumas questões de carácter geral que permitem explorar a escolha alimentar do entrevistado, nomeadamente “Se és vegetariano em algum grau, há quantos anos fizeste essa escolha?”; “Se és vegetariano em algum grau porque decidiste deixar de comer carne?” e “A nível de escolhas alimentares, preocupam-te mais as questões éticas ou questões relacionadas com a saúde?” As questões acima referidas permitem classificar o entrevistado como *vegetariano por questões morais*, *vegetariano por questões de saúde* ou *omnívoro*. Esta diferenciação é fundamental para explorar diferenças em termos de pensamento mágico entre os *vegetarianos por questões morais* e os *vegetarianos por questões de saúde* – uma das questões de investigação do presente estudo.

A terceira fase da entrevista consiste na apresentação de uma série de fotografias de alimentos ao entrevistado, a quem se pede que descreva qual seria a sua reação se se tratasse de uma situação real. O guião da entrevista prevê uma introdução nos seguintes termos: “Quando vamos a um restaurante ou a casa de alguém, temos menos controlo sobre aquilo

que comemos. Eu estou interessada em compreender que tipo de alimentos comerias se o teu pedido chegasse à mesa e descobrisses alguns factos adicionais sobre ele. Vou pedir-te que imagines alguns cenários hipotéticos e gostava de saber como reagirias a eles.” A seleção das fotografias apresentadas foi feita cuidadosamente e em consulta com uma outra pessoa de forma a evitar uma seleção de imagens subjetiva, e para assegurar que os alimentos tivessem uma aparência apetitosa, para que o seu aspeto não influenciasse a reação dos participantes.

Para cada cenário, o guião prevê que seja apresentada a fotografia de um alimento (prato confeccionado, bebida ou sobremesa), e posteriormente revelado um dado sobre o alimento que não é perceptível apenas pela imagem. Pede-se então ao entrevistado que responda às seguintes questões: “Quão apetecível achas este prato numa escala de 0-10 (10 = muito apetecível)?”, “Comerias esta refeição na sua totalidade?”, “Se não, comerias alguma parte da refeição? Qual?”, “Por que razões comerias esta refeição (ou parte dela)?”, e, finalmente, “Por que razões não comerias esta refeição (ou parte dela)?” Com base nestas questões, pretende explorar-se a reação do participante a cada alimento apresentado, bem como as motivações subjacentes à decisão de ingeri-los ou não. A última questão foi introduzida com o objetivo específico de permitir que surjam elementos de pensamento mágico (sob as formas de contaminação e semelhança), no caso de este influenciar a decisão do entrevistado.

No Cenário 1 é apresentada uma salada de vegetais, fruta e fiambre. Revela-se ao entrevistado que o fiambre é verdadeiro, e não um substituto vegetariano. Este cenário foi construído como exemplo de contaminação parcial com elementos de carne, de forma a testar o *princípio da contaminação*. O fiambre pode ser totalmente removido da salada, mas se ainda assim a refeição for rejeitada, este princípio poderá estar presente na decisão de não comer a salada.

No Cenário 2 é apresentada uma sopa de vegetais. Revela-se ao entrevistado que esta foi confeccionada com um caldo de carne. Este cenário foi construído como exemplo de contaminação integral com carne, de forma a testar o *princípio da contaminação*. Não é possível retirar o caldo de carne da sopa, pelo que a contaminação é total. Poderá haver diferença na decisão de comer ou não a sopa entre *vegetarianos por questões morais* e *vegetarianos por questões de saúde*.

No Cenário 3 é apresentado um prato de salsichas com arroz e legumes. Revela-se ao entrevistado que as salsichas não contêm carne, pois são um substituto vegetariano. Este

cenário foi construído como exemplo de semelhança com carne, de forma a testar o *princípio da semelhança*. As salsichas têm aparência de carne, mas não contêm carne. Se, ainda assim, a refeição for rejeitada, o *princípio da semelhança* poderá estar presente na decisão de não comer as salsichas.

No Cenário 4 é apresentada uma bebida num copo com baratas. Revela-se ao entrevistado que as baratas são feitas de plástico, são novas e estão limpas. Este cenário foi construído como exemplo de contaminação com algo nojento (de caráter irracional), de forma a testar o *princípio da contaminação*. Neste cenário, não existe contaminação com carne, mas com algo que provoca nojo. As baratas podem ser totalmente removidas da bebida, mas se ainda assim esta for rejeitada, o *princípio da contaminação* poderá estar presente na decisão de não ingerir a bebida.

No Cenário 5 é apresentada uma sobremesa que se assemelha a “cocó”. Revela-se ao entrevistado que a sobremesa é feita de chocolate. Este cenário foi construído como exemplo de semelhança com algo nojento, de forma a testar o *princípio da semelhança*. Neste cenário, não existe semelhança com carne, mas com algo que provoca nojo. A sobremesa não contém ingredientes que provoquem nojo, mas, se ainda assim, for rejeitada, o *princípio da semelhança* poderá estar presente na decisão de não comer a sobremesa.

Os cinco cenários pretendem aprofundar, desde uma abordagem qualitativa, o estudo sobre o pensamento mágico. Os três primeiros cenários pretendem dar continuidade ao estudo quantitativo de Rozin *et al.* (1997) sobre as diferenças entre *vegetarianos por questões morais* e *vegetarianos por questões de saúde* na decisão de comerem ou não certos alimentos associados a carne recorrendo ao pensamento mágico, dentro do conceito de *moralização* aplicado ao vegetarianismo. E os dois últimos cenários pretendem dar continuidade ao estudo quantitativo de Rozin *et al.* (1986) sobre se o nojo constitui uma oportunidade para estudar os *princípios mágicos da contaminação* e da *semelhança*, uma vez que a reação de nojo produz fortes efeitos que estão de acordo com esses princípios. Desta forma, procura-se uma leitura aprofundada das reações dos entrevistados – e principalmente daquilo que motiva essas reações, ou seja, se existe uma generalização potencial do pensamento mágico em alimentos não relacionados com carne e que não levantam necessariamente questões éticas.

Na quarta fase da entrevista, faz-se uma síntese dos temas abordadas e das respostas obtidas. Finalmente, pergunta-se se há algo a acrescentar em relação às outras três fases, e dá-se a entrevista por terminada.

### 3.1.3. Procedimento

As entrevistas ocorreram entre setembro e novembro de 2015 e tiveram a duração média de vinte minutos (ver Anexo B). A maioria das entrevistas foi realizada em locais públicos, como zonas de restauração, e alguns entrevistados facilitaram as suas casas para a realização da entrevista. A informação inicial dada era a de que estava a ser realizado um estudo, no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, sob a orientação da Professora Melanie Vaclair, sobre a melhor compreensão acerca das escolhas alimentares das pessoas vegetarianas.

Foi comunicado a todos os participantes que se tratava de uma entrevista confidencial e anónima, e que não seriam identificados/as na dissertação ou em qualquer outra publicação. Todas as entrevistas tiveram autorização para uma gravação de áudio, que permitiu a transcrição fiel das mesmas.

Na conclusão da entrevista, explicaram-se os objetivos da investigação, i.e. procurar compreender se o pensamento mágico se encontra ou não presente nos *princípios de semelhança e contaminação*, quando se escolhe comer ou não certo tipo de alimento; e se existem diferenças a esse nível entre *vegetarianos por questões morais* e *vegetarianos por questões de saúde*.

Ao fim de dez entrevistas, foi necessário introduzir uma alteração ao guião, nomeadamente à explicação sobre o Cenário 4. Inicialmente, planeava-se explicar que as baratas introduzidas no copo eram baratas verdadeiras, previamente mortas e esterilizadas – uma experiência replicada a partir do estudo de Rozin *et al.* (1986). No entanto, verificou-se que os *vegetarianos por questões morais* não bebiam a bebida por esta conter animais mortos no seu interior, independentemente da questão da higiene ou do nojo. Assim, tornava-se impossível diferenciar sem enviesamentos o cenário de contaminação com algo nojento (de carácter irracional) do cenário de contaminação parcial com carne. Para corrigir esta situação, alterou-se o cenário para baratas de plástico, novas e limpas. As pessoas que já tinham sido entrevistadas foram novamente contactadas para responder ao cenário corrigido.

### 3.1.4. Estratégia analítica

No presente estudo, recorreu-se a análise temática para um maior aprofundamento dos dados recolhidos nas entrevistas. Os cinco cenários foram analisados segundo o método da

análise temática, que permite uma aproximação acessível, sistemática e rigorosa à codificação dos temas abordados nas questões de investigação (Braun e Clarke, 2006; Clarke, Braun e Hayfield, 2015).

O método da análise temática é constituído por seis fases (Clarke *et al.* 2015):

- *Familiarização* com a informação recolhida, através da leitura e releitura das entrevistas, audição das gravações e anotação do material;
- *Codificação* dos dados relevantes através da identificação e categorização de aspetos relevantes da informação (relacionados com as questões de investigação);
- *Procura de temas*, através da identificação e criação de *clusters* de dados que permitam mapear de forma plausível os aspetos-chave da informação recolhida;
- *Revisão de temas*, de forma a ir aferindo se os temas criados se adequam aos dados recolhidos e captam conceitos estruturantes nucleares;
- *Definição e categorização de temas*, de forma que cada tema seja sumariamente descrito e receba um nome que capte a sua essência e estructure a análise temática;
- *Redação do relatório*, em que se relacionam os temas numa narrativa analítica clara.

Recorrendo ao método proposto, após a familiarização com toda a informação recolhida, procedeu-se à identificação de palavras ou conceitos comuns descritos nas entrevistas transcritas. Estas palavras ou conceitos foram transformados em códigos e agrupados em *clusters* temáticos. Este processo foi repetido por várias vezes, com a consequente revisão e reorganização de temas. Foram sempre tidas em conta as questões de investigação, de forma a aferir a relevância dos temas.

Finalmente, chegou-se a um ponto em que se considerou que cada tema captava um elemento único e central da informação obtida, e a estrutura de temas captava de forma adequada o conjunto de dados. Terminada a análise, contou-se quantas vezes apareciam os temas no material recolhido, e finalmente transformou-se o resultado dessa contagem em valores percentuais. O resultado da análise temática encontra-se descrito no ponto 4.2.

## 4. Resultados e Discussão

### 4.1. Resultados Quantitativos Descritivos

Durante a entrevista, foram mostrados diferentes cenários aos entrevistados. Foi-lhes pedido que classificassem “quão apetecível achas este prato, numa escala de 0-10 (0 = nada apetecível; 10 = muito apetecível)”. Dada a reduzida dimensão da amostra, foi aplicado um teste não-paramétrico de Friedman, que identificou diferenças significativas nas classificações dos diferentes cenários, com  $\chi^2(4) = 61.96$ ,  $p < 0.001$ . Como se pode verificar na Tabela 3, a classificação média do Cenário 1 foi de 3,46 (DP=3,55); a do Cenário 2 foi de 2,94 (DP=3,64); a do Cenário 3 foi de 7,37 (DP=2,91); a do Cenário 4 foi de 0,86 (DP=1,68); e a do Cenário 5 foi de 1,51 (DP=2,92). De acordo com estes resultados, os cenários podem ser ordenados, por grau de apetecibilidade, do mais apetecível para o menos apetecível: Cenário 3, Cenário 1, Cenário 2, Cenário 5 e Cenário 4.

Procedeu-se então à diferenciação desta classificação por tipo de escolha alimentar. Como se pode verificar na Tabela 4, o Cenário 1, em média, foi classificado pelos *vegetarianos por questões morais* com 1,86, pelos *vegetarianos por questões de saúde* com 3,29 e pelos *omnívoros* com 7,00. O Cenário 2, em média, foi classificado pelos *vegetarianos por questões morais* com 2,00, pelos *vegetarianos por questões de saúde* com 2,00 e pelos *omnívoros* com 6,71. O Cenário 3, em média, foi classificado pelos *vegetarianos por questões morais* com 7,07, pelos *vegetarianos por questões de saúde* com 7,43 e pelos *omnívoros* com 7,86. O Cenário 4, em média, foi classificado pelos *vegetarianos por questões morais* com 0,71, pelos *vegetarianos por questões de saúde* com 0,71 e pelos *omnívoros* com 1,43. O Cenário 5, em média, foi classificado pelos *vegetarianos por questões morais* com 2,00, pelos *vegetarianos por questões de saúde* com 1,50 e pelos *omnívoros* com 0,57. Dada a reduzida dimensão da amostra, não foram aplicados testes a estes resultados. Ainda assim, é de referir que, em termos gerais, os *omnívoros* classificam todos os alimentos como mais apetecíveis do que os *vegetarianos por questões morais* e os *vegetarianos por questões de saúde*, não se verificando grandes diferenças entre *vegetarianos por questões morais* e *vegetarianos por questões de saúde*.

Tabela 3

*Grau de Apetecibilidade dos Cenários Apresentados (0-10), por Participante*

Participante	Cenário 1 "Salada"	Cenário 2 "Sopa"	Cenário 3 "Salsichas"	Cenário 4 "Baratas"	Cenário 5 "Cocó"
1	0	0	6	0	0
2	0	0	6	0	0
3	6	0	9	0	8
4	0	0	0	0	0
5	0	0	5	0	0
6	0	0	0	0	0
7	0	0	10	1	1
8	8	8	9	0	0
9	2	8	10	0	10
10	7	0	6	5	0
11	6	7	6	0	0
12	0	0	0	0	0
13	0	1	10	0	2
14	2	9	10	0	9
15	10	5	10	0	6
16	9	7	8	1	0
17	7	7	7	3	2
18	7	7	5	2	0
19	0	0	10	0	0
20	0	0	8	0	0
21	1	0	4	0	2
22	0	8	8	5	2
23	5	0	10	0	0
24	1	3	10	0	4
25	0	0	10	5	0
26	5	0	10	0	0
27	0	0	9	0	0
28	3	0	5	0	0
29	0	0	7	0	3
30	8	6	9	4	2
31	8	9	7	0	0
32	8	8	8	0	2
33	8	0	8	0	0
34	3	2	8	4	0
35	7	8	10	0	0
Média (DP)	3,46 (3,55)	2,94 (3,64)	7,37 (2,91)	0,86 (1,68)	1,51 (2,72)

*Nota.* DP – Desvio padrão.

Tabela 4

*Grau de Apetecibilidade dos Cenários Apresentados (0-10), por Escolha Alimentar*

	Cenário 1 "Salada"	Cenário 2 "Sopa"	Cenário 3 "Salsichas"	Cenário 4 "Baratas"	Cenário 5 "Cocó"
Média VM (DP)	1,86 (2,91)	2,00 (3,37)	7,07 (3,45)	0,71 (1,82)	2,00 (3,44)
Média VS (DP)	3,29 (3,65)	2,00 (3,40)	7,43 (2,98)	0,71 (1,64)	1,50 (2,50)
Média O (DP)	7,00 (1,91)	6,71 (2,14)	7,86 (1,57)	1,43 (1,62)	0,57 (0,98)

*Nota.* VM – Vegetarianos por questões morais; VS – Vegetarianos por questões de saúde; O – Omnívoros; DP – Desvio padrão.

Durante a entrevista, perguntou-se aos entrevistados se comeriam a refeição apresentada na sua totalidade, ou em parte. A Tabela 5 apresenta os resultados obtidos para esta questão. A maioria dos entrevistados respondeu que não comeria a refeição apresentada no Cenário 1 (60%), no Cenário 2 (77,14%) e no Cenário 4 (71,43%). No entanto, a maioria dos entrevistados respondeu que comeria a refeição apresentada no Cenário 3 (85,71%) e no Cenário 5 (60%).

Procedeu-se então à diferenciação desta decisão por tipo de escolha alimentar. A Tabela 6 apresenta os resultados da decisão sobre comer ou não a refeição apresentada em cada cenário, separados por *vegetarianos por questões morais*, *vegetarianos por questões de saúde* e *omnívoros*.

Como se pode observar na Tabela 6, no Cenário 1, a maioria dos *vegetarianos por questões morais* (71%) não comeria a salada. Esta evidência é também verdade para os *vegetarianos por questões de saúde* (64%), sendo que a maioria dos *omnívoros* (71%) comeria a salada na totalidade. Conforme os resultados do teste Qui-quadrado, esta diferença é significativa, com  $\chi^2(4) = 10.67, p < 0.05^1$ .

No Cenário 2, todos os *vegetarianos por questões morais* (100%) recusariam comer a sopa. A maioria dos *vegetarianos por questões de saúde* (79%) rejeitaria comer a sopa, e a maioria dos *omnívoros* (71%) comeria a sopa na totalidade. Conforme os resultados do teste Qui-quadrado, esta diferença também é significativa, com  $\chi^2(4) = 14.74, p < 0.01$ .

<sup>1</sup> Dado que todos os testes Qui-quadrado violam os pressupostos do teste relativamente às frequências esperadas, que deveriam ser superiores a 5, os respetivos resultados devem ser interpretados com prudência.

## Pensamento Mágico nas Decisões dos Vegetarianos

No Cenário 3, a maioria dos *vegetarianos por questões morais* (86%), a maioria dos *vegetarianos por questões de saúde* (79%) e a maioria dos *omnívoros* (86%) comeriam as salsichas vegetarianas. Esta diferença não é significativa, com  $\chi^2(4) = 2.55, p = .64$ .

No Cenário 4, a maioria dos *vegetarianos por questões morais* (71%) não beberia a bebida. Esta evidência é também verdade para os *vegetarianos por questões de saúde* (79%). E dos *omnívoros*, mais de metade (57%) não beberia a bebida. Esta diferença também não é significativa, com  $\chi^2(4) = 1.05, p = .59$ .

No Cenário 5, mais de metade dos *vegetarianos por questões morais* (57%) comeria o “cocó” de chocolate. Esta evidência é também verdade para os *vegetarianos por questões de saúde* (57%). E a maioria dos *omnívoros* (71%) comeria o “cocó” de chocolate. Mais uma vez, esta diferença não é significativa, com  $\chi^2(4) = .48, p = .79$ .

Tabela 5

*Decisão sobre Comer ou Não a Refeição Apresentada em Cada Cenário, por Participante*

Participante	Cenário 1 "Salada"	Cenário 2 "Sopa"	Cenário 3 "Salsichas"	Cenário 4 "Baratas"	Cenário 5 "Cocó"
1	N	N	N	N	N
2	N	N	N	N	N
3	N	N	S	N	S
4	P	N	P	N	S
5	N	N	S	N	N
6	N	N	N	N	N
7	N	N	S	N	S
8	N	S	S	N	S
9	N	N	S	N	S
10	N	N	S	S	N
11	N	N	S	N	S
12	N	N	N	N	N
13	N	N	S	N	S
14	P	N	S	N	S
15	S	S	S	N	S
16	S	S	S	S	S
17	S	S	S	S	S
18	N	N	N	N	N
19	N	N	S	N	N
20	N	N	S	N	S
21	N	N	S	S	S
22	N	N	S	S	S
23	P	N	S	S	S
24	N	N	S	N	S
25	P	N	S	S	N
26	P	N	S	N	S
27	N	N	S	N	N
28	N	N	S	N	N
29	N	N	S	S	S
30	S	S	S	N	S
31	S	S	S	N	N
32	S	S	S	N	S
33	S	N	S	S	N
34	S	S	S	S	S
35	S	P	S	N	N
Não	60%	74%	6%	71%	40%
Sim	26%	23%	86%	29%	60%
Parte da refeição	14%	3%	8%	0%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Nota. S – Sim; N – Não; P – Parte da refeição.

Tabela 6

*Decisão sobre Comer ou Não a Refeição Apresentada em Cada Cenário, por Escolha Alimentar (em percentagem)*

	<u>Cenário 1</u>			<u>Cenário 2</u>			<u>Cenário 3</u>			<u>Cenário 4</u>			<u>Cenário 5</u>		
	<u>"Salada"</u>			<u>"Sopa"</u>			<u>"Salsichas"</u>			<u>"Baratas"</u>			<u>"Cocó"</u>		
	VM	VS	O	VM	VS	O	VM	VS	O	VM	VS	O	VM	VS	O
Não (%)	71	64	29	100	79	14	7	21	14	71	79	57	43	43	29
Sim (%)	7	21	71	0	21	71	86	79	86	29	21	43	57	57	71
Parte (%)	21	14	0	0	0	14	7	0	0	0	0	0	0	0	0

*Nota.* VM – Vegetarianos por questões morais; VS – Vegetarianos por questões de saúde; O – Omnívoros.

#### 4.2. Resultados Qualitativos Descritivos

Foi aplicada uma análise temática, de codificação, aos dados recolhidos, no sentido de identificar que temas surgem no raciocínio dos entrevistados e se estes coincidem ou não com um pensamento mágico nos *princípios de semelhança e contaminação*, assim como se este tipo de pensamento se encontra mais presente nos participantes *vegetarianos por questões morais* do que nos outros participantes. Para tal, foram analisados e codificados os argumentos apresentados pelos entrevistados à pergunta “Por que razões não comerias esta refeição (ou parte dela)?”

Foram criados os seguintes códigos e subcódigos que descrevem:

- “Contaminação”, ato de contaminar:
  - “Contágio”, transmissão e/ou contaminação de algo que se evita;
  - “Nojo”, emoção associada à repulsa e repugnância;
- “Semelhança”, analogia ou imitação:
  - “Aparência”, aspeto pelo qual julgamos as coisas;
  - “Nojo”, emoção associada à repulsa e repugnância;
- “Saúde”, associado a bem-estar:
  - “Alimentos processados”, alimentos produzidos pela indústria alimentar;
  - “Preocupação com saúde”, ação em torno do bem-estar;
- “Ética”, conjunto de regras morais:

## Pensamento Mágico nas Decisões dos Vegetarianos

- “Sofrimento animal”, ação associada a exploração, crueldade e matança dirigida aos animais;
- “Cultura”, conjunto de valores e comportamentos associados a um grupo num período específico:
  - “Contexto”, conjunto de circunstâncias em torno de;
  - “Piada de mau gosto”, brincadeira desnecessária ou escusada.

De seguida, procedeu-se à identificação dos temas descritos pelos subcódigos em todas as entrevistas (ver Anexo C). Finalmente, transformou-se essa contagem em valores percentuais. Os resultados da análise temática para todos os cenários são apresentados na Tabela 7. Dada a violação dos pressupostos, não foram aplicados testes Qui-quadrado aos resultados obtidos.

De forma a explorar as motivações dos participantes e a presença de elementos de pensamento mágico, procedeu-se então à análise dos argumentos para justificar a decisão de comer ou não a refeição apresentada. A Tabela 8 apresenta os resultados desta análise.

Pensamento Mágico nas Decisões dos Vegetarianos

Tabela 7

*Resultados da Codificação, para Todos os Cenários, por Escolha Alimentar (em porcentagem)*

Código/Subcódigo	Cenário 1 - "Salada"			Cenário 2 - "Sopa"			Cenário 3 - "Salsichas"			Cenário 4 - "Baratas"			Cenário 5 - "Cocó"			
	VM	VS	O	VM	VS	O	VM	VS	O	VM	VS	O	VM	VS	O	
<b>Contaminação</b>																
Contágio	71%	36%	14%	86%	50%	0%	21%	14%	0%	0%	29%	29%	7%	0%	0%	
Nojo	0%	21%	0%	14%	14%	0%	0%	14%	0%	21%	14%	43%	0%	0%	0%	
<b>Semelhança</b>																
Aparência	0%	0%	0%	0%	0%	0%	21%	64%	71%	86%	93%	100%	86%	93%	71%	
Nojo	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	21%	0%	36%	43%	57%	29%	43%	0%	
<b>Saúde</b>																
Alimentos processados	0%	0%	0%	0%	29%	29%	7%	29%	14%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
Preocupação com saúde	0%	14%	0%	7%	29%	29%	14%	36%	14%	7%	7%	0%	7%	7%	0%	
<b>Ética</b>																
Sufrimento animal	7%	0%	0%	7%	7%	0%	0%	0%	0%	14%	0%	0%	0%	0%	0%	
<b>Cultura</b>																
Contexto	7%	14%	0%	7%	14%	14%	0%	7%	0%	21%	36%	29%	7%	0%	0%	
Piada de mau gosto	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	29%	29%	7%	14%	14%	

*Nota.* VM - Vegetarianos por questões morais; VS - Vegetarianos por questões de saúde; O – Omnívoros.

Pensamento Mágico nas Decisões dos Vegetarianos

Tabela 8

*Recurso a Argumentos de Contaminação ou Semelhança pelos Participantes, para Todos os Cenários*

Participante	Escolha alimentar	Cenário 1 - "Salada"		Cenário 2 - "Sopa"		Cenário 3 - "Salsichas"		Cenário 4 - "Baratas"		Cenário 5 - "Cocó"	
		Come refeição	Arg. contam.	Come refeição	Arg. contam.	Come refeição	Arg. semel.	Come refeição	Arg. semel.	Come refeição	Arg. semel.
1	VS	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S
2	VS	N	S	N	N	N	S	N	S	N	S
3	VS	N	N	N	N	S	S	N	S	S	S
4	VM	P	S	N	N	P	N	N	S	S	S
5	VM	N	S	N	S	S	N	N	S	N	S
6	VM	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S
7	VS	N	S	N	S	S	S	N	S	S	S
8	O	N	N	S	N	S	S	N	S	S	S
9	VM	N	S	N	S	S	N	N	S	S	S
10	VM	N	S	N	S	S	S	S	S	N	S
11	VM	N	S	N	S	S	N	N	S	S	S
12	VS	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S
13	VM	N	N	N	S	S	N	N	S	S	S
14	VM	P	N	N	S	S	N	N	N	S	N
15	VS	S	N	S	N	S	S	N	S	S	S
16	O	S	N	S	N	S	S	S	S	S	S
17	O	S	N	S	N	S	N	S	S	S	S
18	O	N	N	N	S	N	S	N	S	N	S
19	VS	N	N	N	S	S	N	N	S	N	S
20	VM	N	S	N	S	S	S	N	S	S	S

Pensamento Mágico nas Decisões dos Vegetarianos

Participante	Escolha alimentar	Cenário 1 - "Salada"		Cenário 2 - "Sopa"		Cenário 3 - "Salsichas"		Cenário 4 - "Baratas"		Cenário 5 - "Cocó"	
		Come refeição	Arg. contam.	Come refeição	Arg. contam.	Come refeição	Arg. semel.	Come refeição	Arg. semel.	Come refeição	Arg. semel.
21	VS	N	N	N	S	S	N	S	S	S	N
22	VS	N	S	N	N	S	S	S	S	S	S
23	VS	P	N	N	S	S	N	S	S	S	S
24	VM	N	N	N	S	S	N	N	S	S	N
25	VM	P	S	N	S	S	N	S	S	N	S
26	VS	P	N	N	N	S	N	N	N	S	S
27	VM	N	S	N	S	S	N	N	S	N	S
28	VS	N	N	N	S	S	S	N	S	N	S
29	VM	N	S	N	S	S	N	S	N	S	S
30	VS	S	N	S	N	S	S	N	S	S	S
31	VS	S	N	S	N	S	N	N	S	N	S
32	O	S	N	S	S	S	S	N	S	S	N
33	VM	S	N	N	N	S	N	S	S	N	S
34	O	S	N	S	N	S	S	S	S	S	S
35	O	S	S	P	N	S	N	N	S	N	N
N	-	60%	54%	74%	40%	6%	51%	71%	9%	40%	14%
S	-	26%	46%	23%	60%	86%	49%	29%	91%	60%	86%
P	-	14%	-	3%	-	8%	-	0%	-	0%	-
Total	-	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Nota. VM – Vegetariano por questões morais; VS – Vegetariano por questões de saúde; O – Omnívoro; S – Sim; N – Não; P – Come parte da refeição; Arg. cont. – Recorre ao argumento da contaminação; Arg. semel. – Recorre ao argumento da semelhança.

Finalmente, tendo em conta que as três expectativas relacionadas com o *princípio da semelhança* e o *princípio da contaminação* se referem à decisão de não comer carne ou algo nojento, centrou-se a análise nos participantes que não comeriam a refeição.

A Tabela 9 apresenta os resultados desta análise para cada tipo de escolha alimentar. Pode observar-se que o pensamento mágico está presente na decisão de praticamente todos os participantes (apenas não foi identificado no Cenário 1, para os *omnívoros*). Ou seja, em todos os cenários foi detetada a presença de pensamento mágico na decisão dos vegetarianos de não comer alimentos associados a carne.

Os testes Qui-quadrado indicaram diferenças significativas no recurso a argumentos de contaminação e semelhança entre os *vegetarianos por questões morais e de saúde* e os *omnívoros* no Cenário 1, com  $\chi^2(2) = 7.08, p < .05$ , no Cenário 2, com  $\chi^2(2) = 7.32, p < .05$ , e no Cenário 3, com  $\chi^2(2) = 6.98, p < .05$ . Os testes não indicaram diferenças significativas no Cenário 4, com  $\chi^2(2) = 1.28, p = .53$ , e no Cenário 5, com  $\chi^2(2) = 1.75, p = .42$ <sup>2</sup>. Nos Cenários 1 e 5, os *vegetarianos por questões morais* e os *vegetarianos por questões de saúde* recorrem mais a argumentos contaminação ou semelhança para justificar a sua decisão do que os *omnívoros*. É de notar que, no Cenário 2 e no Cenário 3, a informação relativa aos *omnívoros* se refere ao único participante que afirmou que não comeria a refeição (em ambos os cenários, o participante 18); no Cenário 4, a informação é relativa a 4 participantes, e no Cenário 5 a 2 participantes.

Tabela 9

*Recurso a Argumentos de Contaminação ou Semelhança, pelos Participantes que Não Comem a Refeição (em percentagem)*

	Cenário 1 "Salada"	Cenário 2 "Sopa"	Cenário 3 "Salsichas"	Cenário 4 "Baratas"	Cenário 5 "Cocó"
VM	80%	86%	100%	90%	100%
VS	56%	64%	100%	91%	100%
O	0%	100%	100%	100%	50%

Nota. VM – Vegetarianos por questões morais; VS – Vegetarianos por questões de saúde; O – Omnívoros.

<sup>2</sup> Mais uma vez, os resultados do teste Qui-quadrado devem ser interpretados com prudência, dada a violação dos pressupostos do mesmo.

### 4.3. Discussão

#### 4.3.1. Contaminação parcial com elementos de carne

Como pode verificar-se nas Tabelas 4 e 6, no Cenário 1, a salada com fiambre foi classificada pelos *vegetarianos por questões morais*, em média, com apeticibilidade de 1,86 (numa escala de 0-10); destes participantes, 71% não a comeriam (mesmo que o fiambre fosse retirado). A salada foi classificada pelos *vegetarianos por questões de saúde*, em média, com apeticibilidade de 3,29 (numa escala de 0-10); destes participantes, 64% não a comeriam. E foi classificada pelos *omnívoros*, em média, com apeticibilidade de 7,00 (numa escala de 0-10); destes participantes, apenas 29% não a comeriam.

Verificou-se assim que a maioria dos vegetarianos não comeria a refeição vegetariana que tivesse estado em contato com carne, mesmo que a carne pudesse ser retirada: “Não, não comia a salada. Nem parte dela porque não era capaz de estar a comer e a olhar para aquilo. Eu sei que se mandar para dentro aquilo é desperdiçado na mesma. Mas, por outro lado, eu estou a passar uma mensagem ao restaurante” [Entrevistada 10, VM].

Alguns *vegetarianos por questões de saúde* referiram que comeriam a refeição, retirando a carne: “Pedindo uma salada de legumes e vindo isto, acho que não ficava satisfeita. Mas depende um bocado do dia. Depende do dia, mas a carne não comia. Num dia talvez afastasse a carne e comesse. E outro mandaria para trás.” [Entrevistada 26, VS].

Curiosamente, alguns *vegetarianos por questões morais* comeriam a salada, retirando a carne, e fundamentaram a sua decisão com razões éticas: “Mas eu equaciono também a parte de desperdício, não é? Não sou só vegano, também tenho preocupações ecológicas, ambientais, não é? E reduzir substancialmente a minha pegada ecológica... Provavelmente, se não estivesse muito contaminado, que é mesmo assim, afastaria o fiambre e comeria tudo aquilo que fosse vegetal.” [Entrevistado 4, VM].

E houve mesmo uma *vegetariana por questões morais* que referiu que comeria toda a refeição – incluindo a carne – por questões éticas: “Depois isto é outra questão ética, que é tu ao recusares o prato vai para o lixo. Causa-me mais transtorno saber que mataram aquele animal para ir para o lixo que eu comer, porque acabo por estar a aproveitá-lo. (...) Tendo em conta que esta carne ia para o lixo, comeria a salada. Porque preferiria que fosse aproveitado.” [Entrevistada 33, VM].

Ainda que em minoria, os argumentos acima demonstram que as questões éticas não se restringem à abstinência de carne e podem não estar apenas relacionadas com o sofrimento animal, mas também com questões ambientais ou de redução do desperdício. Este facto fica patente quando o participante vegetariano afasta a carne e come a refeição ainda que “contaminada”, ou come o alimento “contaminado” na íntegra, de forma a evitar o desperdício ou a morte de um animal em vão.

Procedeu-se então à análise temática para todos os participantes (Tabela 7). Foram considerados relevantes os subcódigos que surgiram em mais de 20% das entrevistas. No Cenário 1, os temas relevantes são: Contaminação/Contágio e Contaminação/Nojo.

**Contaminação/Contágio.** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos VM, 71% referiram-se ao tema Contaminação/Contágio: “Não comia porque aquela comida esteve em contacto com um animal morto” [Entrevistada 20, VM]; “Não comia porque não gosto de comer coisas que tocaram em carne.” [Entrevistada 9, VM].

Dos VS, 36% referiram-se à Contaminação/Contágio: “Depende, se estivermos a falar de um alimento que se possa extrair facilmente sem contaminação da parte vegetal, sim, ponho essa hipótese. Evito, mas ponho essa hipótese” [Entrevistado 7, VS].

E, dos *omnívoros*, 14% referiram-se à Contaminação/Contágio: “Se me estragasse o resto da salada, porque às vezes estraga, os sabores estragam, colam-se aos alimentos, eu provavelmente mandava para trás. Se me estragasse o resto dos sabores” [Entrevistada 35, O].

Estes resultados são consistentes com o estudo de Rozin *et al.* (1997), que aponta que os *vegetarianos por questões morais* são mais sensíveis ao efeito de contaminação do que os *vegetarianos por questões de saúde*.

**Contaminação/Nojo.** Como pode verificar-se na Tabela 7, nenhum participante dos *vegetarianos por questões morais* e dos *omnívoros* foi sensível ao tema Contaminação/Nojo.

No entanto, dos *vegetarianos por questões de saúde*, 21% foram sensíveis ao tema Contaminação/Nojo: “Não comia nenhuma parte da salada. Está contaminada! (...) Pensar que a salada esteve em contacto com carne de uma ave, dá-me vómitos, a sério” [Entrevistada 1, VS]; “(...) não como fiambre ou chouriços. São carnes muito ativas, não consigo. Enjoa-me.” [Entrevistado 12, VS].

Estes resultados não são consistentes com Rozin *et al.* (1999), que defendem que os *vegetarianos por questões morais* consideram a carne mais nojenta. Também não são consistentes com a abordagem “emotivista”, que defende que a abstinência de carne pode ser inicialmente motivada pelo nojo, constituindo a posição ética uma justificação posterior desta reação emocional (Haidt *et al.*, 1993).

No entanto, é consistente com os resultados de Fessler *et al.* (2003a), que concluiu que os participantes que evitavam o consumo de carne por razões morais não eram mais sensíveis ao nojo do que aqueles que evitavam carne por outras razões.

Tendo em conta que algumas expectativas do estudo se referem especificamente às motivações para não comer determinado alimento, a análise temática foi então efetuada apenas para os participantes que afirmaram não comer a salada.

Como pode verificar-se na Tabela 9, dos *vegetarianos por questões morais* que afirmaram não comer a salada, 80% recorreram ao argumento da contaminação: “Não comia, porque aquela comida esteve em contacto com um animal morto. E ainda por cima eu vi. (...) E não me sinto capaz de compactuar com isso. Portanto, o que eu faria era pedir para me trazerem uma nova salada”. [Entrevistada 20, VM].

Dos *vegetarianos por questões de saúde* que afirmaram não comer a salada, 56% recorreram ao argumento da contaminação: “Não consigo comer algo que esteve em contacto com carne. Pode parecer exagero. Mas a comida fica com o sabor alterado. E, mesmo que não fique, está contaminada.” [Entrevistada 2, VS].

Finalmente, dos *omnívoros* que afirmaram não comer a salada, nenhum recorreu ao argumento da contaminação.

Os resultados obtidos são consistentes com Rozin *et al.*, (1986), apontando para a presença do pensamento mágico nas decisões dos vegetarianos – pois os participantes vegetarianos que não comeram a refeição apresentaram argumentos relacionados com contaminação.

A grande maioria dos *vegetarianos por questões morais* recorreu a argumentos de contaminação para fundamentar a sua decisão de não comer a refeição; esse valor foi superior ao de *vegetarianos por questões de saúde* e *omnívoros* que recorreram a esses argumentos.

Assim, confirma-se a expectativa de que os *vegetarianos por questões morais* recorrem mais do que os *vegetarianos por questões de saúde* a argumentos relacionados com contaminação para não comerem comida vegetariana que consideram “contaminada” com carne.

#### 4.3.2. Contaminação integral com carne

Como pode verificar-se nas Tabelas 4 e 6, no Cenário 2, a sopa com caldo de carne foi classificada pelos *vegetarianos por questões morais*, em média, com apetecibilidade de 2,00 (numa escala de 0-10); destes participantes, 100% não a comeriam. A sopa foi classificada pelos *vegetarianos por questões de saúde*, em média, com apetecibilidade de 2,00 (numa escala de 0-10); destes participantes, 79% não a comeriam. E foi classificada pelos *omnívoros*, em média, com apetecibilidade de 6,71 (numa escala de 0-10); destes participantes, apenas 14% não a comeriam.

Verificou-se assim que nenhum dos *vegetarianos por questões morais* comeria a refeição em que não é possível retirar a carne. “Não como mesmo. É incoerente com os valores, com os princípios que eu defendo. Não posso comer algo que reprove totalmente, não é?” [Entrevistado 4, VM]; “Não comia porque é um alimento que eu não posso separar. O caldo não posso separar da sopa” [Entrevistada 14, VM].

Alguns *vegetarianos por questões de saúde* referiram que comeriam a sopa, mesmo contendo carne: “Era capaz de comer a sopa na totalidade. (...) Na altura, teria de ver. Em princípio, não comia. Mas se estivesse com pressa ou a fazer alguma cerimónia, comia” [Entrevistada 31, VS].

O mesmo tipo de justificação aparece noutra *vegetariano por questões de saúde*: “Comia na totalidade. [pausa] Porque não sou muito de armar “banzes” e, neste caso, chamar o empregado e pedir a substituição da sopa ou mandar a sopa para trás. (...) em princípio a minha disposição seria não gerar um conflito a partir de um assunto desse tipo” [Entrevistado 30, VS].

Apenas um *omnívoro* afirmou que não comeria a sopa e apresentou argumentos relacionados com o carácter artificial do caldo: “Não é só o ser contra a carne, é contra os aditivos e as comidas processadas, pronto. E os caldos, seja de galinha, de carne ou do que é que for, têm aqueles intensificadores de sabor que são cancerígenos, e portanto ia para trás.” [Entrevistado 18, O].

Procedeu-se então à análise temática para todos os participantes (Tabela 7). Foram considerados relevantes os subcódigos que surgiram em mais de 20% das entrevistas. No Cenário 2, os temas relevantes são: Contaminação/Contágio, Saúde/Alimentos Processados e Saúde/Preocupação com a Saúde.

**Contaminação/Contágio.** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos *vegetarianos por questões morais*, 86% referiram-se ao tema Contaminação/Contágio: “Pela mesma razão que a anterior, desde que tenha algo de origem animal, não interessa se é muito ou pouco perceptível, é zero. Não interessa se é óbvio ou está mais subtil” [Entrevistada 5, VM].

Dos *vegetarianos por questões de saúde*, 50% referiram-se à Contaminação/Contágio: “E, neste caso, todo o prato estaria envolvido com o caldo da carne. Daí a minha explosão total à sopa” [Entrevistada 23, VS].

E, dos *omnívoros*, nenhum se referiu à Contaminação/Contágio.

Estes resultados são consistentes com o estudo de Rozin *et al.* (1997), que aponta que os *vegetarianos por questões morais* são mais sensíveis ao efeito de contaminação do que os *vegetarianos por questões de saúde*.

**Saúde/Alimentos Processados.** Como pode verificar-se na Tabela 7, nenhum participante dos *vegetarianos por questões morais* se referiu ao tema Saúde/Alimentos Processados.

No entanto, dos *vegetarianos por questões de saúde*, 29% referiram-se ao tema Saúde/Alimentos Processados: “Os caldos sempre me fizeram impressão. Prefiro cozinhar com outros ingredientes que dão sabor e que não têm artificialidade no meio. (...) Gosto da alimentação o mais natural possível” [Entrevistada 2, VS]; “Um caldo, um caldo industrial, ainda por cima” [Entrevistado 3, VS].

Igualmente, dos *omnívoros*, 29% referiram-se ao tema Saúde/Alimentos Processados: “O caldo, eu associo logo àquelas pastilhas Knorr, não me agrada nada. E comeria, mas por exemplo não é algo que, em casa, tenha. Os caldos faço-os sempre” [Entrevistado 17, O].

Estes resultados são consistentes com o estudo de Rozin *et al.* (2004), onde foi evidenciada uma preferência por produtos alimentares que sejam rotulados como naturais *versus* alimentos da mesma categoria classificados como comida processada – sendo os

primeiros percebidos como mais saudáveis, mais saborosos ou com menos impacto ambiental.

**Saúde/Preocupação com a Saúde.** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos *vegetarianos por questões de saúde* e dos *omnívoros*, 29% referiram-se ao tema Saúde/Preocupação com a Saúde: “Aquilo é um cubo que, enfim, sabe-se lá o que aquilo tem.” [Entrevistada 26, VS]; “E os caldos seja de galinha, de carne ou do que é que for têm aqueles intensificadores de sabor que são cancerígenos” [Entrevistado 18, O].

Dos *vegetarianos por questões morais*, apenas 7% se referiram ao tema Saúde/Preocupação com a Saúde: “(...) as sopas com caldo de carne não me parecem umas sopas muito saudáveis” [Entrevistada 13, VM].

**Contaminação/Nojo.** A análise temática foi alargada para abranger o tema Contaminação/Nojo, que surge em muitos dos estudos referidos.

Como pode verificar-se na Tabela 7, nenhum participante dos *omnívoros* foi sensível ao tema Contaminação/Nojo. No entanto, dos *vegetarianos por questões morais* e dos *vegetarianos por questões de saúde*, 14% foram sensíveis ao tema Contaminação/Nojo: “Como é que eu hei-de dizer? Enoja-me! (risos) Enojam-me os caldos! (risos)” [Entrevistada 10, VM]; “Os caldos sempre me fizeram impressão” [Entrevistada 2, VS].

Estes resultados não corroboram o estudo Rozin *et al.* (1997), que aponta que os *vegetarianos por questões morais* são mais sensíveis à reação de nojo por contaminação do que os *vegetarianos por questões de saúde*, pois não foi encontrada diferença na sensibilidade de uns face aos outros.

Estes resultados também não são consistentes com Rozin *et al.* (1999), que defendem que os *vegetarianos por questões morais* consideram a carne mais nojenta – no presente cenário, não foram detetadas diferenças entre *vegetarianos por questões morais* e *vegetarianos por questões de saúde*.

Também não são consistentes com os resultados de Fessler *et al.* (2003a), que concluiu que os participantes que evitavam o consumo de carne por razões morais não eram mais sensíveis ao nojo do que aqueles que evitavam carne por outras razões.

Tendo em conta que algumas expectativas do estudo se referem especificamente às motivações para não comer determinado alimento, a análise temática foi então efetuada apenas para os participantes que afirmaram não comer a sopa.

Como pode verificar-se na Tabela 9, dos *vegetarianos por questões morais* que afirmaram não comer a sopa, 86% recorreram ao argumento da contaminação: “Mas, bem, coisas que estejam em contacto com a carne diria que tenho quase nojo, diria que é um bocado forte. Mas teria quase nojo. Problemas de contaminação e isso” [Entrevistado 29, VM].

Dos *vegetarianos por questões de saúde* que afirmaram não comer a sopa, 64% recorreu ao argumento da contaminação: “Olhe, quem está habituado ao sabor dos legumes só por si, nota-se imenso o que é. O que está acrescentado em termos de caldos Knorr ou que puseram enchidos para condimentar. Nota-se muito, em termos de textura, em termos de sabor. E em termos de cheiro, até! O cheiro, então...” [Entrevistada 28, VS].

Finalmente, dos *omnívoros* que afirmaram não comer a sopa, 50% recorreu ao argumento da contaminação: “Acho que o caldo de carne não altera o aspeto, altera-lhe o sabor” [Entrevistado 18, O].

Os resultados obtidos são consistentes com Rozin *et al.*, (1986), apontando para a presença do pensamento mágico nas decisões dos vegetarianos.

A grande maioria dos *vegetarianos por questões morais* recorreu a argumentos de contaminação para fundamentar a sua decisão de não comerem a refeição; esse valor foi superior ao de *vegetarianos por questões de saúde* e *omnívoros* que recorreram a esses argumentos. Estes resultados corroboram as conclusões retiradas do Cenário 1.

Assim, confirma-se mais uma vez a expectativa de que os *vegetarianos por questões morais* recorrem mais do que os *vegetarianos por questões de saúde* a argumentos relacionados com contaminação para não comerem comida vegetariana que consideram “contaminada” com carne.

### **4.3.3. Semelhança com carne**

Como pode verificar-se nas Tabelas 4 e 6, no Cenário 3, as salsichas vegetarianas foram classificadas pelos *vegetarianos por questões morais*, em média, com apetecibilidade de 7,07 (numa escala de 0-10); destes participantes, 86% comeriam as salsichas. As salsichas

foram classificadas pelos *vegetarianos por questões de saúde*, em média, com apetecibilidade de 7,43 (numa escala de 0-10); destes participantes, 79% comeriam as salsichas. E foram classificadas pelos *omnívoros*, em média, com apetecibilidade de 7,86 (numa escala de 0-10); destes participantes, 86% comeriam as salsichas.

Verificou-se assim que a grande maioria dos participantes, independentemente do tipo de escolha alimentar, comeria a refeição de salsichas vegetarianas: “Se a pessoa me disser: ‘Sim, eu sei, é garantidamente vegano...’ Então, comia” [Entrevistado 5, VM]; “Eu não sou muito fã de salsichas, mas comeria o prato” [Entrevistada 22, VS]; “Não tenho problemas nenhuns. Comia o prato na totalidade” [Entrevistado 35, O].

Procedeu-se então à análise temática para todos os participantes (Tabela 7). Foram considerados relevantes os subcódigos que surgiram em mais de 20% das entrevistas. No Cenário 3, os temas relevantes são: Contaminação/Contágio, Semelhança/Aparência, Semelhança/Nojo, Saúde/Alimentos Processados e Saúde/Preocupação com a Saúde.

**Contaminação/Contágio.** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos *vegetarianos por questões morais*, 21% referiram-se ao tema Contaminação/Contágio. Esta questão surge relacionada com a possibilidade de as salsichas conterem ingredientes que não sejam vegetarianos – nomeadamente, a albumina de ovo: “Sou vegano e leio escrupulosamente a composição... E a maior parte das salsichas vegetarianas têm albumina de ovo. E a albumina de ovo é um dos alimentos proibitivos (risos) ao veganismo. (...) Assim, a salsicha provavelmente não comia, mas comia tudo o resto, porque não está contaminado” [Entrevistado 4, VM].

Outro *vegetariano por questões morais* referiu-se à mesma questão: “É que mesmo nesta situação específica, há salsichas que têm albumina de ovo. E os veganos não comem salsichas com albumina de ovo. (...) E é preciso ver lá as letrinhas todas, para que se possa consumir de uma forma tranquila” [Entrevistada 5, VM].

Nenhum *vegetariano por questões de saúde* e nenhum *omnívoro* se referiu ao tema Contaminação/Contágio.

Estes resultados são consistentes com o estudo de Rozin *et al.* (1997), que aponta que os *vegetarianos por questões morais* são mais sensíveis ao efeito de contaminação do que os *vegetarianos por questões de saúde*.

**Semelhança/Aparência.** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos *vegetarianos por questões morais*, 21% referiram-se ao tema Semelhança/Aparência: “Sim, comia, porque eu não tenho um problema com o formato da comida (...) Se me arranjam uma coisa que tenha um sabor idêntico a sardinhas assadas, eu fico toda contente! Porque eu não tenho o problema moral do sabor. O meu palato adaptou-se àquele sabor. Só que a minha parte ética não se sobrepõe ao meu palato” [Entrevistada 20, VM].

Dos *vegetarianos por questões de saúde*, 64% referiram-se à Semelhança/Aparência: “Portanto, e mesmo o facto de ter a forma de salsichas de carne, (...) para mim não seria impeditivo” [Entrevistada 15, VS].

Dos *omnívoros*, 71% referiram-se à Semelhança/Aparência: “Na realidade, como de tudo e se gosto de salsichas normais com esta apresentação, também gostarei das salsichas vegetarianas” [Entrevistada 32, O].

Estes resultados são consistentes com o estudo de Rozin *et al.* (1997), que aponta que os *vegetarianos por questões de saúde* são mais sensíveis ao efeito de semelhança do que os *vegetarianos por questões morais*.

**Semelhança/Nojo.** Como pode verificar-se na Tabela 7, nenhum participante dos *vegetarianos por questões morais* e dos *omnívoros* se referiu ao tema Semelhança/Nojo.

No entanto, dos *vegetarianos por questões de saúde*, 21% referiram-se ao tema Semelhança/Nojo: “Por acaso as salsichas é uma coisa que me mete um bocado... Pois, é isso mesmo, é uma coisa que me...” [Entrevistado 28, VS].

Estes resultados não são consistentes com Rozin *et al.* (1999), que defendem que os *vegetarianos por questões morais* consideram a carne mais nojenta – no presente cenário, os *vegetarianos por questões de saúde* manifestaram a reação de nojo mais do que os *vegetarianos por questões morais*.

**Saúde/Alimentos Processados.** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos *vegetarianos por questões morais*, 7% referiram-se ao tema Saúde/Alimentos Processados: “São tão artificiais que é como comer borracha... (risos)” [Entrevistada 6, VM].

Dos *vegetarianos por questões de saúde*, 29% referiram-se ao tema Saúde/Alimentos Processados: “(...) estamos a falar de comidas que depois têm um processamento muito grande e que – agora indo para a componente saudável –, não são dos melhores...”

[Entrevistado 7, VS]; “Eu já tentei comer vários tipos de salsichas e acabo por achar que aquilo é tudo carne que não é carne. Ou seja lá o que põem dentro, que é muito, muito diluído, muito processado” [Entrevistada 22, VS].

E, dos *omnívoros*, 14% referiram-se ao tema Saúde/Alimentos Processados: “Eu acho que a salsicha é uma coisa, como ainda há pouco estava ali a dizer que vi como é que elas eram feitas (referindo-se a um documentário sobre a indústria da carne).” [Entrevistado 18, O].

Tal como no cenário anterior, estes resultados são consistentes com o estudo de Rozin *et al.* (2004), onde foi evidenciada uma preferência por produtos alimentares que sejam rotulados como naturais *versus* alimentos da mesma categoria classificados como comida processada – sendo os primeiros percebidos como mais saudáveis, mais saborosos ou com menos impacto ambiental.

**Saúde/Preocupação com a Saúde.** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos *vegetarianos por questões morais* e dos *omnívoros*, 14% referiram-se ao tema Saúde/Preocupação com a Saúde: “Comia a refeição toda porque está com imenso bom aspeto e porque é livre de crueldade. E saudável!” [Entrevistada 9, VM]; “O ser salsicha em si, faz-me lembrar os enchidos de salsicha que não é uma coisa saudável” [Entrevistado 18, O].

Dos *vegetarianos por questões de saúde*, 36% referiram-se ao tema Saúde/Preocupação com a Saúde: “Não tenho muita confiança no que está lá dentro (risos)” [Entrevistada 22, VS]; “Não é muito apetecível estar a ingerir açúcar. Não basta ser só vegan ou frutívoro. A gente tem que ter cuidado com os alimentos refinados, como é o caso dos açúcares e outras coisas...” [Entrevistado 3, VS].

Tendo em conta que algumas expectativas do estudo se referem especificamente às motivações para não comer determinado alimento, a análise temática foi então efetuada apenas para os participantes que afirmaram não comer as salsichas vegetarianas.

Como pode verificar-se na Tabela 9, dos que não comem a refeição, justificam a sua decisão recorrendo ao argumento da semelhança todos os *vegetarianos por questões morais* (100%), todos os *vegetarianos por questões de saúde* (100%), e todos os *omnívoros* (100%).

Uma *vegetariana por questões morais* afirmou: “Eu não peço salsichas vegetarianas (...) porque de facto são muito parecidas com a carne e quem não quer carne não vai à procura de coisas como carne...” [Entrevistada 6, VM].

Um *vegetariano por questões de saúde* afirmou: “Eu já tentei comer vários tipos de salsichas e acabo por achar que aquilo é tudo carne que não é carne” [Entrevistada 22, VS].

Um *omnívoro* afirmou: “As salsichas já sou um bocadinho renitente, neste facto. Porque o facto de elas serem vegetarianas e terem um aspeto parecido com as de carne não é um ponto a favor, claro. (risos) Não é de todo” [Entrevistado 18, O].

Os resultados obtidos são consistentes com Rozin *et al.*, (1986), apontando para a presença do pensamento mágico nas decisões dos vegetarianos.

Todos os *vegetarianos por questões morais*, todos os *vegetarianos por questões de saúde* e todos os *omnívoros* recorreram a argumentos de semelhança para fundamentar a sua decisão de não comer a refeição.

Assim, não se confirma a expectativa de que os *vegetarianos por questões de saúde* recorrem mais do que os *vegetarianos por questões morais* a argumentos relacionados com a semelhança para não comerem comida vegetariana que consideram “semelhante” a carne – pois todos os participantes que não comeram a refeição recorreram a esse argumento.

#### **4.3.4. Contágio com algo nojento**

Como pode verificar-se nas Tabelas 4 e 6, no Cenário 4, a bebida com baratas de plástico foi classificada pelos *vegetarianos por questões morais*, em média, com apeticibilidade de 0,71 (numa escala de 0-10); destes participantes, 71% não a beberiam (mesmo que as baratas fossem retiradas). A bebida foi classificada pelos *vegetarianos por questões de saúde*, em média, com apeticibilidade de 0,71 (numa escala de 0-10); destes participantes, 79% não a beberiam. E foi classificada pelos *omnívoros*, em média, com apeticibilidade de 1,43 (numa escala de 0-10); destes participantes, 57% não a beberiam.

O presente cenário procurou ser equivalente ao aplicado no estudo de Rozin *et al.* (1986) para testar o efeito de contaminação, baseando-se na apresentação de uma bebida dentro da qual eram colocadas baratas esterilizadas. No entanto, verificou-se que esta experiência poderia originar respostas enviesadas por parte dos *vegetarianos por questões morais*, que poderiam reagir à barata enquanto animal morto. De forma a contornar esta falha

no estudo, o cenário foi alterado para incluir réplicas de baratas feitas de plástico. Porém, embora se procurasse testar o efeito de contaminação, a maioria dos participantes apenas recorreu ao argumento de semelhança, não fazendo qualquer menção ao aspeto de contaminação com as baratas de plástico. Apesar disso, os resultados foram consistentes com os de Rozin *et al.* (1986) porque em ambos se evidenciou uma indesejabilidade em relação à bebida que esteve em contato com baratas (mortas e esterilizadas ou de plástico).

Procedeu-se então à análise temática para todos os participantes (Tabela 7). Foram considerados relevantes os subcódigos que surgiram em mais de 20% das entrevistas. No Cenário 4, os temas relevantes são: Contaminação/Contágio, Contaminação/Nojo, Semelhança/Aparência, Semelhança/Nojo, Cultura/Contexto e Cultura/Piada de mau gosto.

**Contaminação/Contágio.** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos *vegetarianos por questões morais*, nenhum se referiu ao tema Contaminação/Contágio. Dos *vegetarianos por questões de saúde* e dos *omnívoros*, 29% referiram-se ao tema Contaminação/Contágio.

Uma *vegetariana por questões de saúde afirmou*: “Eu nem entrava num quarto com uma barata quanto mais... (risos)” [Entrevistada 19, VS]. Outra referiu: “Não sei dizer se beberia, mas talvez não (risos). Até porque sabia que elas já lá tinham estado (risos)” [Entrevistada 23, VS].

Esta questão também apareceu nos *vegetarianos por questões de saúde* relacionada com o facto de as baratas serem feitas de plástico: “E um boneco de plástico cheio de tintas também não é algo que queira numa bebida” [Entrevistado 7, VS].

Um *omnívoro* referiu: “Elas podiam-me tocar e eu não gostava” [Entrevistado 16, O].

Estes resultados não corroboram o estudo de Rozin *et al.* (1997), que aponta que os *vegetarianos por questões morais* são mais sensíveis à reação de nojo por contaminação do que os *vegetarianos por questões de saúde*.

**Contaminação/Nojo.** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos *vegetarianos por questões morais*, 21% foram sensíveis ao tema Contaminação/Nojo: “Por isso eu fui educada numa cultura em que as baratas são bichos nojentos, que vêm e vivem no lixo, vêm dos esgotos e não sei quê. E, portanto, essa repugnância que me era natural foi ainda calcinada pelo pensamento dominante” [Entrevistada 10, VM].

Alguns *vegetarianos por questões morais* foram sensíveis ao tema Contaminação/Nojo relacionado com o facto de as baratas serem feitas de plástico: “A minha reação é de nojo pois detesto plástico” [Entrevistado 14, VM].

Dos *vegetarianos por questões de saúde*, 14% foram sensíveis ao tema Contaminação/Nojo: “Acho que nem iria a um sítio destes, se soubesse à partida...” [Entrevistada 1, VS].

Dos *omnívoros*, 43% foram sensíveis ao tema Contaminação/Nojo: “Não bebo. Tenho fobia a baratas” [Entrevistada 8, O].

Estes resultados são consistentes com o estudo de Haidt *et al.* (1993) que associa a reação de nojo à fundamentação ética do vegetarianismo.

**Semelhança/Aparência.** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos *vegetarianos por questões morais*, 86% referiram-se ao tema Semelhança/Aparência: “A própria fotografia causa-me alguma repulsa” [Entrevistada 13, VM].

Alguns *vegetarianos por questões morais* manifestaram que, mesmo tratando-se apenas de aparência, eram sensíveis à semelhança com um animal morto: “Não beberia, porque tem um animal que é uma barata. Além de não ser ético, segundo os meus princípios (...) E não sei se são mesmo falsas” [Entrevistada 20, VM].

Dos *vegetarianos por questões de saúde*, 93% referiram-se à Semelhança/Aparência: “Não percebo porque é que se usa uma barata aqui? O que é que está lá a fazer?” [Entrevistado 12, VS].

Dos *omnívoros*, 100% referiram-se à Semelhança/Aparência: “Após a repulsa inicial ser ultrapassada pela confirmação que é de plástico, bebo a bebida na totalidade” [Entrevistada 32, O].

Estes resultados corroboram o estudo de Rozin *et al.* (1997), que aponta que os *vegetarianos por questões de saúde* são mais sensíveis à reação de nojo por semelhança do que os *vegetarianos por questões morais*.

**Semelhança/Nojo.** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos *vegetarianos por questões morais*, 36% referiram-se ao tema Semelhança/Nojo: “Acho que a minha primeira reação é de nojo. Claro que fico um bocado aliviada quando me asseguram que são de plástico, mas

continuo a sentir algum nojo. (...) Não beberia porque o facto de as baratas serem de plástico não torna a bebida menos repugnante. Torna-a eticamente menos condenável, por oposição a uma bebida com baratas verdadeiras, por exemplo, mas ainda assim repugnante”

[Entrevistada 11, VM].

Dos *vegetarianos por questões de saúde*, 43% referiram-se à Semelhança/Nojo: “Jamais provaria uma bebida assim. A minha perceção é a de algo nojento” [Entrevistada 2, VS].

Dos *omnívoros*, mais de metade (57%) referiram-se à Semelhança/Nojo: “Porque a barata é um bicho que me faz muita confusão e mesmo sendo de plástico, mando para trás (...) Mete-me nojo. Sim, sim, sim, o animal em si” [Entrevistada 35, O].

Estes resultados não são consistentes com o estudo de Haidt *et al.* (1993) que associa a reacção de nojo à fundamentação ética do vegetarianismo.

É de salientar que o valor mais baixo à reacção do nojo foi por parte dos *vegetarianos por questões morais*. É possível que esta evidência esteja relacionada com a desconstrução do *especismo*, visão que desconstrói a hegemonia da espécie humana face às outras espécies – mesmo insetos como as baratas.

Assim, não se confirma a expectativa de que os *vegetarianos por questões morais* podem ser mais sensíveis às violações da “pureza” em geral do que os *vegetarianos por questões de saúde* e os *omnívoros*.

**Cultura/Contexto.** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos *vegetarianos por questões morais*, 21% referiram-se ao tema Cultura/Contexto: “Nós somos educados para achar apetecíveis determinados animais e outros nojentos” [Entrevistada 10, VM].

Dos *vegetarianos por questões de saúde*, 36% referiram-se ao tema Cultura/Contexto: “Depende também um bocadinho do contexto. As baratas são de plástico, não é? Acho uma coisa um bocadinho de mau gosto. Mas depende do contexto.” [Entrevistada 31, VS].

E, dos *omnívoros*, 29% referiram-se ao tema Cultura/Contexto: “Nunca tive essa experiência mas já tive outras. (...) Quer dizer, não me faz tanta confusão. É um animal, eu como outros. Não é aquele que eu procuro mais, mas não me negava a experimentar” [Entrevistado 17, O].

***Cultura/Piada de mau gosto.*** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos *vegetarianos por questões morais*, nenhum se referiu ao tema Cultura/Piada de mau gosto.

Dos *vegetarianos por questões de saúde* e dos *omnívoros*, 29% referiram-se ao tema Cultura/Piada de mau gosto: “Se estivesse sóbrio, não bebia a bebida (risos), porque a ideia de decorar uma bebida com baratas é – que associo a um bicho transmissor de doenças –, acho que é mau gosto” [Entrevistado 30, VS]; “Esta mando para trás (risos). E não acho muita piada à brincadeira” [Entrevistado 35, O].

Tendo em conta que algumas expectativas do estudo se referem especificamente às motivações para não comer determinado alimento, a análise temática foi então efetuada apenas para os participantes que afirmaram não beber a bebida com baratas.

Como pode verificar-se na Tabela 9, dos que não bebem a bebida, justificam a sua decisão recorrendo ao argumento da semelhança 90% dos *vegetarianos por questões morais*, 91% dos *vegetarianos por questões de saúde* e 100% dos *omnívoros*.

Uma *vegetariana por questões morais* afirmou: “Mesmo com brincadeira, quer dizer, nós não brincamos com estas coisas, porque sabemos aquilo que está em causa: sofrimento, dor, vidas... Não é? Nunca é aceitável, não é? Mesmo que seja em que contexto for... Não por serem baratas de plástico – rejeito a visão de repugnância associada às mesmas –, mas pelo facto de não aceitar a postura antropocêntrica de que podemos dispor da vida de qualquer ser, até para uma brincadeira” [Entrevistada 4, VM].

Uma *vegetariana por questões de saúde* afirmou: “Que nojo. Baratas é outro campeonato. É uma ideia que me dá mesmo nojo. Só de pensar... Parece-me mesmo um contrassenso, mesmo de plástico. (...) Era incapaz de beber ou de estar ao lado de alguém que o fizesse” [Entrevistada 1, VS].

Uma *omnívora* afirmou: ““Não bebia nada, porque as baratas são o bicho mais nojento à face da terra mesmo que sejam de plástico. As baratas sobrevivem oito dias sem comer e sem respirar” [Entrevistada 32].

Os resultados obtidos são consistentes com Rozin *et al.*, (1986), apontando para a presença do pensamento mágico nas decisões dos vegetarianos.

A grande maioria dos *vegetarianos por questões morais* e dos *vegetarianos por questões de saúde* e a totalidade dos *omnívoros* recorreram a argumentos de semelhança para fundamentar a sua decisão de não beber a bebida.

Assim, não se confirma a expectativa de que os *vegetarianos por questões morais* deveriam recorrer mais a argumentos relacionados com o *princípio de semelhança* para não comerem alimentos vegetarianos que considerem contaminados ou que se assemelhem a algo nojento, mas que não lhes levantem necessariamente questões éticas.

#### **4.3.5. Semelhança com algo nojento**

Como pode verificar-se nas Tabelas 4 e 6, no Cenário 5, o “cocó” de chocolate foi classificado pelos *vegetarianos por questões morais*, em média, com apetecibilidade de 2,00 (numa escala de 0-10); destes participantes, 43% não comeriam a sobremesa. O “cocó” foi classificado pelos *vegetarianos por questões de saúde*, em média, com apetecibilidade de 1,50 (numa escala de 0-10); destes participantes, 43% não comeriam a sobremesa. E foi classificado pelos *omnívoros*, em média, com apetecibilidade de 0,57 (numa escala de 0-10); destes participantes, apenas 29% não comeriam a sobremesa.

Curiosamente, verificou-se que, apesar de todos os participantes terem classificado a apetecibilidade da sobremesa como muito reduzida, a maioria comeria a sobremesa, independentemente do tipo de escolha alimentar.

Procedeu-se então à análise temática para todos os participantes (Tabela 7). Foram considerados relevantes os subcódigos que surgiram em mais de 20% das entrevistas. No Cenário 5, os temas relevantes são: Semelhança/Aparência e Semelhança/Nojo.

***Semelhança/Aparência.*** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos *vegetarianos por questões morais*, 86% referiram-se ao tema Semelhança/Aparência: “Só pelo formato. Não, não comia nada. É assim... Para mim, comer é bom o sabor, mas também é bom ver. E isto não tem muito bom aspeto nem é muito bonito” [Entrevistada 27, VM].

Dos *vegetarianos por questões de saúde*, 93% referiram-se à Semelhança/Aparência: “Era capaz de comer a sobremesa na totalidade, sim. (...) Porque sei que é a parte visual que me está a tentar enganar que é outra coisa quando na realidade não é” [Entrevistada 23, VS].

Dos *omnívoros*, 71% referiram-se à Semelhança/Aparência: “Agora não vou dizer que a apresentação não seja ousada e não se corra o risco, mas tirando isso depois o que me interessa é o sabor” [Entrevistado 17, O].

Estes resultados corroboram o estudo de Rozin *et al.* (1997), que aponta que os *vegetarianos por questões de saúde* são mais sensíveis à reação de nojo por semelhança do que os *vegetarianos por questões morais*.

**Semelhança/Nojo.** Como pode verificar-se na Tabela 7, dos *vegetarianos por questões morais*, 29% referiram-se ao tema Semelhança/Nojo: “Acho que por muito deliciosa que seja, só o pegares numa colher – ou num garfo – e tirares um bocadinho de uma coisa que tem uma forma de cocó e lewares à boca e provares, faz-me imensa confusão” [Entrevistada 11, VM].

Dos *vegetarianos por questões de saúde*, 43% referiram-se à Semelhança/Nojo: “Não, nem provar. Porque os olhos também comem. E a aparência é terrível (risos)” [Entrevistada 28, VS].

Estes resultados não são consistentes com o estudo de Haidt *et al.* (1993) que associa a reação de nojo à fundamentação ética do vegetarianismo.

Assim, tal como no cenário anterior, não se confirma a expectativa de que os *vegetarianos por questões morais* podem ser mais sensíveis às violações da “pureza” em geral do que os *vegetarianos por questões de saúde*.

Tendo em conta que algumas expectativas do estudo se referem especificamente às motivações para não comer determinado alimento, a análise temática foi então efetuada apenas para os participantes que afirmaram não comer a sobremesa.

Como pode verificar-se na Tabela 9, dos que não comeriam a sobremesa, justificam a sua decisão recorrendo ao argumento da semelhança 100% dos *vegetarianos por questões morais*, 100% dos *vegetarianos por questões de saúde* e 50% dos *omnívoros*.

Uma *vegetariana por questões morais* afirmou: “Porque parece cocó. É parecido. E vejo muitos cocós de cães na rua que são parecidos. Ok, é chocolate, mas é parecido a muitos cocós. É mesmo uma questão visual – é visual. Não” [Entrevistado 6, VM].

Uma *vegetariana por questões de saúde* afirmou: “Só de olhar, dá vômitos... Acredito que muitas coisas com chocolate possam ter alguma semelhança com cocó. Sei lá, a mousse de chocolate, por exemplo. Mas não é tão explícita como as figuras da imagem. Não consigo descontextualizar, não tenho essa capacidade. Estou demasiado presa à memória” [Entrevistada 2, VS].

Um *omnívoro* afirmou: “Acho que não, não me parece. E pronto, aqui talvez já seja preconceito da minha parte, mas acho que há limites. E como valorizo o aspeto da comida (...) não comia nada, de todo” [Entrevistado 18, O].

Os resultados obtidos são consistentes com Rozin *et al.*, (1986), apontando para a presença do pensamento mágico nas decisões dos vegetarianos.

Todos os *vegetarianos por questões morais* e os *vegetarianos por questões de saúde* recorreram a argumentos de semelhança para fundamentar a sua decisão de não beber a bebida.

Assim, tal como no cenário anterior, não se confirma a expectativa de que os *vegetarianos por questões morais* deveriam recorrer mais a argumentos relacionados com o *princípio de semelhança* para não comerem alimentos vegetarianos que considerem contaminados ou que se assemelhem a algo nojento, mas que não lhes levantem necessariamente questões éticas.

Estes resultados parecem indicar que, apesar de os *vegetarianos por questões morais* recorrerem mais do que os *vegetarianos por questões de saúde* a argumentos relacionados com contaminação para não comerem comida vegetariana que consideram “contaminada” com carne, não são mais sensíveis às violações da “pureza” em geral, quando estas não estão relacionadas com carne, e não recorrem mais a argumentos relacionados com os *princípios de contaminação e semelhança* para não comerem alimentos vegetarianos que não lhes levantem questões éticas.

## 5. Limitações

Seguem-se, agora, algumas implicações presentes nos resultados do estudo e com relevância para investigação futura. No Cenário 2 (“Sopa”), 29% dos *vegetarianos por questões de saúde* e *omnívoros*, em média, referiram a questão dos alimentos processados

como possível efeito dissuasor na sua decisão de não comer a sopa. Em alguns casos, mesmo que se tratasse de um caldo de legumes. Seria importante, num próximo estudo, criar um cenário cujo caldo, na qualidade de alimento processado, fosse de legumes, de forma a avaliar se o efeito contaminador se encontra presente mesmo quando não levanta quaisquer questões éticas. Por outro lado, torna-se igualmente pertinente avaliar o efeito de contaminação integral mas com um pedaço de carne triturado na sopa, por exemplo, para que a sua separação não seja possível, mas que a questão de alimentos processados não seja levantada pelos participantes.

Esta questão encontra-se também presente no Cenário 3 (“Salsichas”). Seria importante, numa investigação futura, criar um cenário vegetariano e semelhante à carne sem o enviesamento da semelhança com as salsichas de carne enquanto alimento processado. Ou seja, substituir as salsichas vegetarianas por outro alimento semelhante a carne, porém, mais “natural”. Por outro lado, ainda relativamente a este cenário, é possível que a utilização de *fakes* – comida vegetariana idêntica em formato e sabor a carne, peixe ou marisco –, num cenário, pudesse ter um resultado diferente. Contudo, em Portugal, a indústria alimentar vegetariana não recorre com frequência à utilização de *fakes* e por esse motivo não se escolheu incluir uma imitação num cenário.

Por último, ao alterar-se o Cenário 4 (“Baratas”), para que este incluísse réplicas de baratas de plástico, não foi testado o efeito de contaminação, como se pretendia, pois a maioria dos participantes recorreu ao argumento de semelhança, entre baratas verdadeiras e de plástico, não referindo qualquer menção ao aspeto de contaminação. No futuro, seria importante criar um cenário que testasse o efeito de contaminação associado ao nojo (de forma irracional) e em que a sua separação fosse possível, mas que não estivessem presentes questões éticas de forma a um eventual enviesamento dos resultados dos *vegetarianos por questões morais*.

De destacar ainda uma última implicação no que concerne à análise temática dos dados. O presente estudo apenas apresentou os resultados da análise temática das perguntas aos cinco cenários, ficando por analisar as perguntas: “Se és vegetariano em algum grau, há quantos anos fizeste essa escolha?”; “Em qual das categorias te inseres em termos de escolhas alimentares?”; “Se és vegetariano em algum grau, porque decidiste deixar de comer carne?”; “A nível de escolhas alimentares, preocupam-te mais as questões éticas ou questões relacionadas com a saúde?”; e “O que é que achas dos cenários que te foram apresentados?”

Tens alguma coisa a acrescentar?”. Desta forma, muitos dos dados recolhidos, através das entrevistas, ficaram aquém de uma análise mais sistematizada e detalhada sobre os motivos além do pensamento mágico na decisão dos vegetarianos de não comer alimentos associados a carne.

Em relação às escolhas alimentares, parece ser consensual o facto de que o vegetarianismo, desde o estrito ao flexível, surge como resposta às mais diversas questões éticas, ambientais e de saúde da sociedade atual. A tendência emergente é a de que uma alimentação equilibrada não se reduz apenas ao seu valor nutritivo, mas também a uma escolha moral, com consciência ambiental e desenvolvimento sustentável. Esta viragem de paradigma abre uma nova perspetiva de que a qualidade de vida de todos os agentes envolvidos começa a ser uma preocupação crescente e, cada vez mais, consciente.

### 6. Conclusão

No presente estudo qualitativo, explorou-se o pensamento mágico enquanto associação mental presente na decisão dos vegetarianos de não comer alimentos associados a carne. Procuraram-se ainda diferenças a esse nível entre *vegetarianos por questões morais* e *vegetarianos por questões de saúde*.

Quanto à primeira questão de investigação, é possível concluir que o pensamento mágico (sob a forma de *princípio da semelhança* ou *princípio da contaminação*) está presente na decisão dos vegetarianos de não comer alimentos associados a carne. Em todos os cenários analisados, foi identificada a presença de argumentos relacionados com o *princípio da semelhança* ou com o *princípio da contaminação* na justificação da decisão dos vegetarianos de não comer alimentos associados a carne. Ou seja, em todos os cenários analisados foi detetada a presença de pensamento mágico na decisão dos vegetarianos de não comer alimentos associados a carne.

Quanto à segunda questão de investigação, é possível concluir que existem diferenças a esse nível entre *vegetarianos por questões morais* e *vegetarianos por questões de saúde*.

Os resultados obtidos confirmam a expectativa de que os *vegetarianos por questões morais* recorrem mais do que os *vegetarianos por questões de saúde* e os *omnívoros* a argumentos relacionados com contaminação para não comerem comida vegetariana que consideram “contaminada” com carne.

No entanto, não se confirmou a expectativa de que os *vegetarianos por questões de saúde* recorrem mais do que os *vegetarianos por questões morais* a argumentos relacionados com a semelhança para não comerem comida vegetariana que consideram “semelhante” a carne.

Da mesma forma, não se confirmaram as expectativas de que os *vegetarianos por questões morais* podem ser mais sensíveis às violações da “pureza” em geral do que os *vegetarianos por questões de saúde*, e de que os *vegetarianos por questões morais* deveriam recorrer mais a argumentos relacionados com os *princípios de contaminação* e *semelhança* para não comerem alimentos vegetarianos que considerem contaminados ou que se assemelhem a algo nojento, mas que não lhes levantem necessariamente questões éticas.

Estes resultados parecem indicar que, apesar de os *vegetarianos por questões morais* recorrerem mais do que os *vegetarianos por questões de saúde* a argumentos relacionados com contaminação para não comerem comida vegetariana que consideram “contaminada” com carne, não são mais sensíveis às violações da “pureza” em geral, quando estas não estão relacionadas com carne, e não recorrem mais a argumentos relacionados com os *princípios de contaminação* e *semelhança* para não comerem alimentos vegetarianos que não lhes levantem questões éticas.

O presente estudo permitiu aumentar o conhecimento sobre as motivações dos vegetarianos para não comer carne, e identificar a presença de pensamento mágico nas suas decisões.

É possível afirmar que, nas últimas décadas, têm surgido diversos movimentos associados ao vegetarianismo. Esta nova tendência procura ir ao encontro de um estilo de vida cada vez mais sustentável e como resposta às questões éticas, de saúde e ambientais da sociedade atual. Apesar disso, os mercados ainda não estão sensíveis a esta escolha alimentar e a oferta fica muitas vezes aquém das inúmeras possibilidades existentes, que acabam por não chegar ao consumidor final.

No movimento de adaptação às novas tendências alimentares, tem surgido a tendência de produzir alimentos vegetarianos com aparência de carne ou derivados de carne. No entanto, esta tentativa de aproximação pode ter o efeito contrário, pois os consumidores

## Pensamento Mágico nas Decisões dos Vegetarianos

vegetarianos – e não só – poderão rejeitar esse alimento vegetariano exatamente por assemelhar-se a carne. No presente estudo, todos os participantes que afirmaram que não comeriam a refeição vegetariana semelhante a carne referiram a semelhança à carne como argumento para tal decisão. Talvez seja necessária uma mudança paradigmática, de forma a oferecer alimentos mais apetecíveis e atrativos aos consumidores que fazem escolhas alimentares alternativas.

Quiçá, num futuro próximo, a relação com a comida, independentemente das escolhas alimentares, recorra de forma generalizada ao pensamento mágico enquanto associação mental presente na decisão de não comer alimentos associados a carne, a organismos geneticamente modificados, à produção em massa e de desenvolvimento insustentável ou a quaisquer outras situações que comecem a suscitar ameaça à saúde e/ou ao conceito de ética vigente.

Referências

- Amato, P.R., Partridge, S.A. (1989). *The New Vegetarians: Promoting Health and Protecting Life*. Nova Iorque: Plenum Press.
- Braun, V., Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101.
- Centro Vegetariano. (2007). *Portugal 30.000 vegetarianos*. Acedido a 15 de Dezembro de 2015 em: <http://www.centrovegetariano.org/Article-451-Portugal%253A%2B30%2B000%2BVegetarianos.html>
- Chopra, M., Galbraith, S., & Darnton-Hill, I. (2002). A global response to a global problem: the epidemic of overnutrition. *Bulletin of the World Health Organization*, 80, 952-958.
- Clarke, V., Braun, V., Hayfield, N. (2015). Qualitative psychology: A practical guide to research methods. Third Ed. *Thematic analysis*. Sage (Eds.) Jonathan Smith, 222-248.
- Commission Regulation (EU) No 271/2010. *Official journal of the European Union*, 19-22. Acedido a 26 de dezembro de 2015 em: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2010:084:0019:0022:EN:PDF>
- Craig, W., Mangels, A. R. (2009). Position of the American Dietetic Association: Vegetarian Diets. *Journal of the American Dietetic Association*, 109, 1266-1282.
- Fessler, D. M., Arguello, A. P., Mekdara, J. M., Macias, R. (2003a). Disgust sensitivity and meat consumption: A test of an emotivist account of moral vegetarianism. *Appetite*, 41, 31-41.
- Fessler, D.M., Navarrete, C.D. (2003b). Meat is good to taboo: Dietary proscriptions as a product of the interaction of psychological mechanisms and social processes. *Journal of Cognition and Culture*, 3, 1-40.
- Graça, J., Oliveira, A., Calheiros, M. M. (2015). Meat, beyond the plate. Data-driven hypotheses for understanding consumer willingness to adopt a more plant-based diet. *Appetite*, 90, 80-90.
- Graça, J., Calheiros, M. M., Oliveira, A. (2015). Attached to meat? (Un)Willingness and intentions to adopt a more plant-based diet. *Appetite*, 95, 113-125.

- Graça, J., Calheiros, M. M., Oliveira, A. (2016). Situating moral disengagement: Motivated reasoning in meat consumption and substitution. *Personality and Individual Differences*, 90, 353-364.
- Haidt, J., Koller, S. H., Dias, M. G. (1993). Affect, culture, and morality, or is it wrong to eat your dog? *Journal of Personality & Social Psychology*, 65, 613–628.
- Henchion, M., McCarthy, M., Resconi, V. C., Troy, D. (2014). Meat consumption: Trends and quality matters. *Meat Science*, 98, 561-568.
- Kazen, T. (2011). *Emotions in biblical law: A cognitive science approach*. Hebre Bible Monographs, 36. Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 71-94.
- Kazen, T. (2015). Pre-publication version of entry in R. Segal & K. von Stuckrad (Eds.). *Vocabulary for the Study of Religion*. Leiden: Brill. Forthcoming.
- Navarrete, C. D., Fessler, D. (2006). Disease avoidance and ethnocentrism: the effects of disease vulnerability and disgust sensitivity on intergroup attitudes. *Evolution and Human Behavior*, 27, 270-282.
- Nemeroff, C., & Rozin, P. (1989). ‘You are what you eat’: Applying the demand-free ‘impressions’ technique to an unacknowledged belief. *Ethos*, 17, 50-69.
- Nemeroff, C., & Rozin, P. (1992). Sympathetic magical beliefs and Kosher dietary practice: The interaction of rules and feelings. *Ethos*, 20, 96-115.
- Nemeroff, C., & Rozin, P. (1994). The contagion concept in adult thinking in the United States: Transmission of germs and interpersonal influence. *Ethos*, 22, 158-186.
- Nemeroff, C., & Rozin, P. (2000). The makings of the magical mind: the nature and function of sympathetic magical thinking. In K. S. Rosengren, C. N. Johnson, & P. L. Harris (Eds.) *Imagining the Impossible: Magical, Scientific, and Religious Thinking in Children*. In Cambridge: Cambridge University Press, 1-34.
- Observatório da Nutrição e Alimentação em Portugal. (2015). *Os principais resultados do Observatório da Nutrição e Alimentação em Portugal*. Acedido a 15 de Dezembro de 2015 em: <http://onap.premivalor.pt/onap/conferencia>

- Rozin, P., Millman, L., Nemeroff, C. J. (1986). Operation of the laws of sympathetic magic in disgust and other domains. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 703-712.
- Rozin, P., Fallon, A. E. (1987). A perspective on disgust. *Psychological Review*, 94, 23-41.
- Rozin, P., Nemeroff, C., Wane, M., & Sherrod, A. (1989). Operation of the sympathetic magical law of contagion in interpersonal attitudes among Americans. *Bulletin of the Psychonomic Society*, 27, 367-370.
- Rozin, P., Markwith, M., e Ross, B. (1990a). The sympathetic magical law of similarity, nominal realism, and neglect of negatives in response to negative labels. *Psychological Science*, 1, 383-384.
- Rozin, P. e Nemeroff, C. (1990b). The laws of sympathetic magic: A psychological analysis of similarity and contagion. In J. Stigler, G. Herdt, and R. A. Shweder, Eds., *Cultural Psychology: Essays on Comparative Human Development*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 205-232.
- Rozin, P. (1996). Sociocultural influences on human food selection. In Capaldi, E. D. (Ed.). *Why We Eat what We Eat: The Psychology of Eating*. American Psychological Association, Washington D.C., 233-263.
- Rozin, P., Markwith, M., e Stoess, C. (1997). Moralization and becoming a vegetarian: The transformation of preferences into values and the recruitment of disgust. *American Psychological Society*, 8, 67-73.
- Rozin, P., Haidt, J., McCauley, C. R. (1999). Disgust: The body and soul emotion. In T. Dalgleish & M. Power (Eds.), *Handbook of cognition and emotion*, 429-445. Chichester, UK: Wiley.
- Rozin, P., Haidt, J., & McCauley, C. R. (2000). Disgust. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of Emotions*. 2nd Edition, 637-653. New York: Guilford Press.
- Rozin, P., Nemeroff, C. (2002). Sympathetic magical thinking: the contagion and similarity “heuristics”. In: Gilovich, T., Griffin, D., & Kahneman, D. *Heuristics and biases. The psychology of intuitive judgment*, 201-216. Cambridge: Cambrid.

- Rozin, P., Spranca, M., Krieger, Z., Neuhaus, R., Surillo, D., Swerdlin, A., & Wood, K. (2004). Natural preference: instrumental and ideational/moral motivations, and the contrast between foods and medicines. *Appetite*, 43, 147-154.
- Rozin, P., Fischler, C., & Shields-Argelès, C. (2012). European and American perspectives on the meaning of natural. *Appetite*, 59, 448-456.
- Rozin, P., Haddad, B., Nemeroff, C., & Slovic, P. (2015). Psychological aspects of the rejection of the recycled water: Contamination, purification and disgust. *Judgment and Decision Making*, 10, 50-63.
- Stein, R. I., & Nemeroff, C. J. (1995). Moral overtones of food: Judgments of others based on what they eat. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 480-490.
- United States Department of Agriculture. (2015). *Dietary guidelines for Americans 2015–2020*. Department of Health and Human Services and the U.S. Department of Agriculture. 8th Edition. Acedido a 5 de janeiro de 2016 em: <http://health.gov/dietaryguidelines/2015/guidelines>
- World Health Organization (2011). *Action plan for implementation of the European strategy for the prevention and control of noncommunicable diseases 2012-2016*. Geneva: World Health Organization. Acedido a 4 de dezembro de 2015 em: [http://www.euro.who.int/\\_data/assets/pdf\\_file/0019/170155/e96638.pdf](http://www.euro.who.int/_data/assets/pdf_file/0019/170155/e96638.pdf)
- World Health Organization (2014). *Global status report on noncommunicable diseases 2014*. Geneva: World Health Organization. Acedido a 4 de dezembro de 2015 em: <http://www.who.int/global-coordination-mechanism/publications/global-status-report-ncds-2014-eng.pdf?ua=1>

## Anexo A – Guião das Entrevistas

### Apresentação

Chamo-me Sara Martinho e sou aluna do Mestrado em Psicologia Social e das Organizações no ISCTE-IUL. No âmbito da minha dissertação, sob a orientação da Professora Melanie Vauclair, estou a realizar um estudo sobre a melhor compreensão acerca das escolhas alimentares das pessoas vegetarianas. Para tal, necessito recolher dados através de uma entrevista confidencial e anónima (não será identificado/a na dissertação ou em qualquer outra publicação).

Autoriza que a entrevista seja gravada?

Caso tenha alguma questão ou comentário relativamente ao estudo, poderá contactar-me através do email [soqmo@iscte.pt](mailto:soqmo@iscte.pt)

Obrigada pela participação.

### Introdução

- Idade
- Género
- Formação académica/ Profissão
- Se és vegetariano em algum grau, há quantos anos fizeste essa escolha?
- Em qual das categorias abaixo te inseres em termos de escolhas alimentares?

(conforme Craig, W., Mangels, AR, *Position of the American Dietetic Association: Vegetarian Diets*. Journal of the American Dietetic Association, 2009. **109**(7): p. 1266-1282)

- Vegan – vegetarianos que não ingerem carne, peixe, ovos ou produtos lácteos;
- Frutívoros – subgrupo de vegan, apenas ingerem frutos, frutos secos e sementes;
- Ovovegetarianos – vegetarianos que ingerem ovos e os seus derivados;
- Lactovegetarianos – vegetarianos que ingerem leite e os seus derivados;
- Ovolactovegetarianos – vegetarianos que ingerem leite e ovos e os seus derivados;

## Pensamento Mágico nas Decisões dos Vegetarianos

- Pescovegetarianos – vegetarianos que ingerem peixe;
- Semivegetarianos – pessoas que ingerem apenas quantidades reduzidas de carne e peixe;
- Omnívoros – pessoas que ingerem todo o tipo de alimentos.
- Se és vegetariano em algum grau porque decidiste deixar de comer carne?
- A nível de escolhas alimentares, preocupam-te mais as questões éticas ou questões relacionadas com a saúde?

### **Introdução do tema principal**

Quando vamos a um restaurante ou a casa de alguém, temos menos controlo sobre aquilo que comemos.

Eu estou interessada em compreender que tipo de alimentos comerias se o teu pedido chegasse à mesa e descobrisses alguns factos adicionais sobre ele...

Vou pedir-te que imagines alguns cenários hipotéticos e gostava de saber como reagirias a eles...

**Cenário 1: Contaminação parcial com elementos de carne**

Por favor imagina que estás num restaurante e pediste uma salada de legumes.

Quando te trazem a salada, percebes que esta contém fiambre (imagem abaixo). Qual é a tua reação?



- Quão apetecível achas este prato numa escala de 0-10 (10 = muito apetecível)?
- Comerias esta refeição na sua totalidade?
- Se não, comerias alguma parte da refeição? Qual?
- Por que razões comerias esta refeição (ou parte dela)?
- Por que razões não comerias esta refeição (ou parte dela)?

**Cenário 2: Contaminação integral com carne (a sua separação não é possível)**

Agora, por favor, imagina que estás num restaurante e pediste uma sopa de legumes.

Quando te trazem a sopa (imagem abaixo), perguntas que ingredientes contém e informam-te de que foi feita com caldo de carne. Qual é a tua reacção?



- Quão apetecível achas este prato numa escala de 0-10 (10 = muito apetecível)?
- Comerias esta refeição na sua totalidade?
- Se não, comerias alguma parte da refeição? Qual?
- Por que razões comerias esta refeição (ou parte dela)?
- Por que razões não comerias esta refeição (ou parte dela)?

### Cenário 3: Semelhança com carne

Agora, por favor imagina que estás num restaurante e pediste um prato com salsichas vegetarianas.

Quando te trazem o prato que pediste (imagem abaixo), sabes que as salsichas não contêm carne, mas a sua aparência é idêntica à das salsichas de carne. Qual é a tua reação?



- Quão apetecível achas este prato numa escala de 0-10 (10 = muito apetecível)?
- Comerias esta refeição na sua totalidade?
- Se não, comerias alguma parte da refeição? Qual?
- Por que razões comerias esta refeição (ou parte dela)?
- Por que razões não comerias esta refeição (ou parte dela)?

**Cenário 4: Contaminação com algo nojento (deverá ser irracional)**

Por favor imagina que estás num bar e pedes uma bebida.

Quando te trazem a bebida, esta parece muito apetitosa, mas apercebes-te de que tem uma barata de borracha/plástico (imagem abaixo). O/a empregado/a garante-te que a barata está limpa e que se trata de uma brincadeira promocional... Qual é a tua reação?



- Quão apetecível achas esta bebida numa escala de 0-10 (10 = muito apetecível)?
- Beberias a bebida na sua totalidade?
- Se não, beberias alguma parte da bebida? Qual?
- Por que razões beberias esta bebida (ou parte dela)?
- Por que razões não beberias esta bebida (ou parte dela)?

### **Cenário 5: Semelhança com algo nojento**

No último cenário, imagina que estás num restaurante e que pediste uma sobremesa surpresa.

Quando te trazem a sobremesa, esta assemelha-se a cocó (imagem abaixo). O/a empregado/a garante-te que a sobremesa é feita de chocolate e que se trata de uma brincadeira promocional... Qual é a tua reação?



- Quão apetecível achas este prato numa escala de 0-10 (10 = muito apetecível)?
- Comerias esta refeição na sua totalidade?
- Se não, comerias alguma parte da refeição? Qual?
- Por que razões comerias esta refeição (ou parte dela)?
- Por que razões não comerias esta refeição (ou parte dela)?

### **Conclusão**

O que é que achas dos cenários que te foram apresentados? Tens alguma coisa a acrescentar?

**Anexo B – Transcrição das Entrevistas**

Ver CD

**Anexo C – Codificação, para Todos os Cenários, por Escolha Alimentar**

Código/Subcódigo	<u>Cenário 1 - "Salada"</u>			<u>Cenário 2 - "Sopa"</u>			<u>Cenário 3 - "Salsichas"</u>			<u>Cenário 4 - "Baratas"</u>			<u>Cenário 5 - "Cocó"</u>		
	VM	VS	0	VM	VS	0	VM	VS	0	VM	VS	0	VM	VS	0
<b>Contaminação</b>															
Contágio	Entr: 4, 5, 6, 9, 10, 11, 20, 25, 27, 29	Entr: 1, 2, 7, 12, 22	Entr: 35	Entr: 5, 6, 9, 10, 11, 13, 14, 20, 24, 25, 27, 29	Entr: 1, 7, 12, 19, 21, 23, 28	-	Entr: 4, 5, 13	Entr: 12, 28	-	-	Entr: 7, 15, 19, 23	Entr: 16, 32	Entr: 4	-	-
Nojo	-	Entr: 1, 2, 12	-	Entr: 10, 29	Entr: 1, 2	-	-	Entr: 3, 28	-	Entr: 10, 14, 24	Entr: 1, 19	Entr: 8, 16, 32	-	-	-
<b>Semelhança</b>				-	-	-									
Aparência	-	-	-	-	-	-	Entr: 6, 10, 20	Entr: 1, 2, 3, 7, 12, 15, 22, 28, 30	Entr: 8, 16, 18, 32, 34	Entr: 4, 5, 6, 9, 10, 11, 13, 20, 24, 25, 27, 33	Entr: 1, 2, 3, 7, 12, 15, 19, 21, 22, 23, 28, 30, 31	Entr: 8, 16, 17, 18, 32, 34, 35	Entr: 4, 5, 6, 9, 10, 11, 13, 20, 19, 22, 23, 26, 28, 30, 31	Entr: 1, 2, 3, 7, 12, 15, 19, 22, 23, 26, 28, 30, 31	Entr: 8, 16, 17, 18, 34
Nojo	-	-	-	-	-	-	-	Entr: 1, 2, 28	-	Entr: 6, 11, 13, 24, 33	Entr: 2, 7, 15, 19, 21, 28	Entr: 18, 32, 34, 35	Entr: 5, 10, 11, 33	Entr: 1, 2, 19, 26, 28, 31	-

*(continua na página seguinte)*

## Pensamento Mágico nas Decisões dos Vegetarianos

(continuação)

Código/Subcódigo	Cenário 1 - "Salada"			Cenário 2 - "Sopa"			Cenário 3 - "Salsichas"			Cenário 4 - "Baratas"			Cenário 5 - "Cocó"		
	VM	VS	O	VM	VS	O	VM	VS	O	VM	VS	O	VM	VS	O
<b>Saúde</b>	-														
Alimentos processados	-	-	-	-	Entr: 22, 26, 28, 31	Entr: 17, 18	Entr: 6	Entr: 1, 7, 22, 28	Entr: 18	-	-	-	-	-	-
Preocupação com saúde	-	Entr: 3, 19	-	Entr: 13	Entr: 3, 22, 26, 28, 31	Entr: 17, 18	Entr: 6, 9	Entr: 1, 3, 7, 22, 28	Entr: 18	Entr: 25	Entr: 30	-	Entr: 25	Entr: 3	-
<b>Ética</b>															
Sofrimento animal	Entr: 20	-	-	Entr: 20	Entr: 23	-	-	-	-	Entr: 4, 14	-	-	-	-	-
<b>Cultura</b>															
Contexto	Entr: 11	Entr: 21, 26	-	Entr: 34	Entr: 30, 31	Entr: 34	-	Entr: 1	-	Entr: 4, 10, 11	Entr: 2, 3, 7, 23, 31	Entr: 17, 18	Entr: 10	-	-
Piada de mau gosto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Entr: 2, 12, 30, 31	Entr: 16, 35	Entr: 5	Entr: 1, 12	Entr: 8

Nota. Entr – Entrevista(s); VM - Vegetarianos por questões morais; VS - Vegetarianos por questões de saúde; O – Omnívoros.